

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**THAIS DA SILVA OSGA**

**DA CRIMINALIZAÇÃO CATÓLICA À DESLEGITIMAÇÃO PROTESTANTE: AS  
VICISSITUDES DAS NOÇÕES DE BRUXARIA EUROPEIA, MAPEADAS EM  
*DISCOVERIE OF WITCHCRAFT* (1584), A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DO  
HOLÓGRAFO SOCIAL**

**PONTA GROSSA**

**2022**

**THAIS DA SILVA OSGA**

**DA CRIMINALIZAÇÃO CATÓLICA À DESLEGITIMAÇÃO PROTESTANTE: AS  
VICISSITUDES DAS NOÇÕES DE BRUXARIA EUROPEIA, MAPEADAS EM  
*DISCOVERIE OF WITCHCRAFT* (1584), A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DO  
HOLÓGRAFO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa  
(UEPG). para a obtenção de título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva

**PONTA GROSSA**

**2022**

O82 Osga, Thais da Silva  
Da criminalização católica à deslegitimação protestante: as vicissitudes das noções de bruxaria europeia, mapeadas em *Discoverie of Witchcraft* (1584), a partir da utilização do Hológrafo Social / Thais da Silva Osga. Ponta Grossa, 2022  
57 f.  
Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva.  
Coorientadora: Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian.  
1. Bruxaria. 2. Representação. 3. Imaginário. 4. Hológrafo social. 5. Inglaterra. I. Silva, Edson Armando. II. Zulian, Rosângela Wosiack. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 942

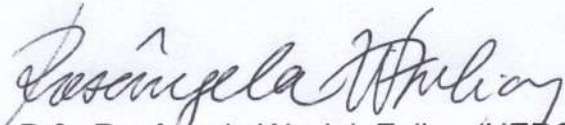
## TERMO DE APROVAÇÃO

**Thais da Silva Osga**

### **ENTRE REPRESENTAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES: A BRUXARIA EXPRESSA EM DISCOVERIE OF WITCHCRAFT, DE REGINALD SCOT (1584)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 14 de junho de 2022, pela seguinte banca examinadora:

  
Prof. Dr. Edson Armando Silva (Orientador)

  
Prof.ª Dr.ª Rosângela Wosiak Zulian (UEPG)

  
Prof. Dr. José Henrique Rollo Gonçalves (UEM)

  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Carla de Melo Martins (UEPG)

Dedico este trabalho à minha mãe, Doraci Aparecida Alves da Silva, pois foi graças a ela que cheguei até aqui.

À minha tia Noeli Alves da Silva, que sempre me apoiou e acreditou em mim.

Ao meu padrinho Edson Fruehauf e à minha madrinha Dorli Alves da Silva, que foram fundamentais durante o início de meus estudos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve comigo e me ajudou a vencer todos os meus obstáculos durante essa trajetória.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa e aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, por tornarem possível a existência de um mestrado de qualidade.

À CAPES, pelo apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Edson Armando Silva, por aceitar conduzir meu trabalho de pesquisa, assim como pelo apoio, paciência e sugestões ao longo do curso.

À Prof. Dra. Rosângela Wosiack Zulian por todo apoio pessoal e acadêmico, e por sempre acreditar em mim e em minhas pesquisas.

Ao Prof. Dr. Ilton Cesar Martins, a Prof. Dra Rosângela Wosiack Zulian e ao Prof. Dr. José Henrique Rollo Gonçalves por aceitarem fazer parte da banca de defesa deste trabalho.

A Allan Isac Godk, por todas as sugestões durante a realização dessa pesquisa, mas principalmente pela paciência, apoio e carinho.

À Angela Maria Oliveira, bibliotecária da UEPG, pelo auxílio na correção da versão final do trabalho.

Ao meu amigo Thomas França e também a Fernando Galvão Silva, pelas leituras dos pré-projetos, projetos e versão final, assim como pelas correções, sugestões e críticas.

A Lucas Vinicius Erichsen da Rocha, pelo incentivo, e apoio na construção do pré-projeto submetido no processo seletivo;

A Marcelo, pela carona até a UEPG, no dia que prestei a prova de idiomas, pois sem isso, não teria realizado uma das etapas do processo seletivo, logo, não teria sido aprovada.

A todos os meus amigos e familiares que compreenderam e me apoiaram durante toda a trajetória do desenvolvimento dessa pesquisa.

A todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa, assim como para aqueles que acreditaram em mim.

## RESUMO

A concepção de bruxaria foi constantemente revisitada e reformulada ao longo dos séculos. Dessa forma, a partir dos conceitos de imaginário e representação, este trabalho se propôs a verificar as rupturas e permanências da noção da bruxaria, no cenário europeu quinhentista. Para isso, utilizamos a obra inglesa e protestante *Discoverie of Witchcraft* (1584), de Reginald Scot, traduzida para o português. Como instrumento de análise, aplicamos o “hológrafo social”, proposto por Waldemar de Gregori, em *Cibernética Social I* (1988). Além disso, usufruímos do software “taguette” para a organização dos dados.

**Palavras-chave:** bruxaria, representação, imaginário, hológrafo social, Inglaterra.

## ABSTRACT

The conception of witchcraft has been constantly revisited and reformulated over the centuries. Thus, based on the concepts of imaginary and representation, this work aims to verify the ruptures and permanences of witchcraft notion, in the 16th-century Europe. For this, we used the English and Protestant book "Discoverie of Witchcraft" (1584), by Reginald Scot, translated into Brazilian Portuguese. As an instrument of analysis, we applied the "hológrafo social", proposed by Waldemar de Gregori, in "Cibernética Social I" (1988). In addition, we use the "taguette" software for data organization.

**Keywords:** witchcraft, representation, imaginary, hológrafo social, England.



## SUMÁRIO

<b>NOTAS PRELIMINARES</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1. DAS MÚLTIPLAS FACES DA BRUXARIA: CONSTRUÇÃO E CRIMINALIZAÇÃO EM SOLO EUROPEU</b> .....	17
1.1 A CONSTRUÇÃO DA BRUXARIA .....	17
1.2 A INQUISIÇÃO E SEUS HEREGES .....	21
1.3 A BRUXARIA HERÉTICA.....	23
1.3.1 O Martelo das Bruxas.....	25
1.4 A BRUXARIA EM TERRAS INGLESAS.....	27
1.5 A REFORMA PROTESTANTE NA INGLATERRA.....	27
<b>CAPÍTULO 2. DA HERESIA À IDOLATRIA: UMA SUPERSTIÇÃO “PAPISTA” CHAMADA BRUXARIA</b> .....	30
2.1 PROTESTANTISMO, CETICISMO E BRUXARIA.....	30
2.2. REGINALD SCOT .....	31
2.2.1 A Descoberta da Bruxaria .....	33
2.2.2 As Críticas e Considerações de Reginal Scot.....	37
<b>CAPÍTULO 3. DAS DESCOBERTAS A PARTIR DA BRUXARIA</b> .....	40
3.1 O MAPEAMENTO DOS QUATORZE SISTEMAS .....	40
3.2 O QUE OS DADOS REVELAM.....	43
3.3 DAS RUPTURAS E PERMANÊNCIAS .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
<b>APÊNDICE A – FRAGMENTO DE TABELA REALIZADA DURANTE A FASE DE ADAPTAÇÃO/TRADUÇÃO</b> .....	55
<b>APÊNDICE B – RELAÇÃO DO CONTEÚDO DA FONTE COM OS QUATORZE SUBSISTEMAS</b> .....	56

## NOTAS PRELIMINARES

Após finalizar o trabalho de conclusão de curso, o qual apontou para uma suposta interrupção das publicações do manual *Malleus Maleficarum*<sup>1</sup>, entre os séculos XVIII e XIX (OSGA, 2018, no prelo), elaborei uma proposta de pesquisa que tinha como principal objetivo, averiguar possíveis respostas para esse fenômeno, ocorrido durante a Europa setecentista, de forma plausível.

Após a aprovação do projeto, no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em História, da UEPG, durante a segunda etapa, fui alertada sobre algo decisivo para meu ingresso e permanência no mestrado. No momento de minha entrevista, os professores responsáveis pela avaliação demonstraram certo interesse em meu projeto, entretanto, explicaram-me que a forma como ele foi pensada, tornava-o inconcebível. Como sabemos, todo trabalho historiográfico é realizado somente a partir de fontes históricas, e a minha pesquisa se tornou inexecutável, pois estava fundamentada na ausência das edições do *Malleus Maleficarum*, ou seja, na inexistência de uma fonte histórica.

Com isso, para conseguir avançar no processo seletivo, assim como na própria pesquisa, eu me comprometi tanto com os professores, quanto comigo mesma, a resolver esse enorme problema. A banca optou por me dar esse voto de confiança, pois dias depois, encontrei meu nome na lista de aprovados. A partir daqui, começaram meus verdadeiros desafios.

Inicialmente, passei um bom tempo procurando e refletindo sobre quais categorias de fontes que poderiam me ajudar a explicar o desaparecimento do *Malleus Maleficarum*. A princípio, interessei-me pelas gravuras sobre bruxaria, e busquei analisá-las através da iconografia/iconologia<sup>2</sup>. Entretanto, percebi que infelizmente, eu não possuía as competências necessárias para isso, e devido aos prazos, não dispunha do tempo necessário para investir em tal capacitação. Tendo isso em vista, acabei por descartar essa possibilidade.

Após vários monólogos internos, somados às conversas com meu orientador, entendi que apesar de saber, em partes, o aquilo que eu desejava realizar, eu não ainda tinha muita clareza de como concretizar. Em uma dessas orientações,

---

<sup>1</sup> Título completo original: *Malleus Maleficarum Maleficat & earum haeresim, ut framea potentissima conterens*.

<sup>2</sup> A partir das gravuras de Goya

chegamos à conclusão de que o meu desejo por estudar o *Malleus Maleficarum* poderia ser aproveitado, caso a proposta inicial fosse reformulada.

Com base nisso, ao lançarmos um olhar a partir de outras perspectivas, percebemos que esse hiato de publicações, poderia estar relacionado com as transformações sociais europeias, situadas na longa duração.

Com isso, até esse momento, diferente do que eu acreditava, o meu maior obstáculo não foi a ausência de fontes, mas a falta de maturidade para compreender e nomear, de forma coerente, aquilo que eu desejava estudar. Em resumo, eu acreditava que era possível estudar a ausência do *Malleus* a partir dele mesmo – o que obviamente era muito incoerente –, mas no fundo, eu apenas queria compreender os motivos que resultaram na ausência deste livro.

Após essa descoberta, ficou claro que meu interesse real estava ligado ao processo de perda de plausibilidade na bruxaria como um sistema de explicação da realidade, ou ao próprio curso de “desencantamento do mundo”. Com isso, tendo a consciência de que a bruxaria passou a ser cada vez mais associada às práticas populares, a partir do século XVIII (DENIPOTI; PEREIRA, 2014, p. 51), o que poderia responder em partes o “desaparecimento” do *Malleus* (enquanto um indicador de algo), concluiu-se que fontes em potenciais, poderiam ser encontradas entre as produções seiscentistas.

A partir disso, *Displaying of Supposed Witchcraft*, publicado em 1677, pareceu, num primeiro momento, ser fonte ideal, pois é nela que John Webster ou Johannes Hyphastes, apresenta uma postura cética em relação à bruxaria. A ideia inicial era realizar um mapeamento e a análise dos conceitos expostos na argumentação, articulando-os com o contexto de publicação. Entretanto, também não consegui avançar nessa proposta, pois não consegui encontrar uma edição confiável, e devido a isso, optei por sua substituição.

Após esse insucesso, decidi dar um passo de dois séculos para trás, do recorte que eu desejava investigar inicialmente. Ou seja, do século XVIII, acabei chegando no século XVI, após selecionar a obra *Discoverie of Witchcraft*<sup>3</sup>, de Reginald Scot, publicada em 1584, principalmente devido às peculiaridades dela.

---

<sup>3</sup>Título original: *The discoverie of witchcraft: wherein the lewde dealing of witches and witchmongers is notable detected [...]*. A grafia pode sofrer alterações ao longo da narrativa. Poderá ser encontrado como *The Discovery of the Witchcraft*, ou ainda, *Discovery of Witchcraft*.

Em *Discoverie of Witchcraft*, Reginald Scot buscou apresentar uma alternativa à compreensão da bruxaria que vinha sendo propagada. Grosso modo, a partir do século XV, inúmeros documentos e tratados<sup>4</sup>, foram escritos visando explicar esse fenômeno. Uma dessas obras foi o *Malleus Maleficarum* (1486), que além de defender a existência das bruxas, apresentava, de maneira detalhada, as formas judiciais para puni-las. Em suma, seu conteúdo tratava-se de uma compilação das inúmeras crenças responsáveis por construir e legitimar a crença na bruxaria (LEVACK, 1988, p. 51). Tal obra foi amplamente difundida na Europa, principalmente durante o século XVI, como demonstra Osga (2018, p. 40, no prelo).

Apesar de ter demorado um pouco para chegar em terras inglesas, pois o livro pode ser mapeado somente a partir de 1520 (THOMAS, 1991, p. 358), Reginald Scot não só tomou conhecimento do *Malleo Maleficarum*<sup>5</sup>, como teve a acesso ele. Após seu contato com esse texto e de vários outros que defendiam aspectos semelhantes, Scot decidiu ensaiar uma obra para confrontar a defesa da existência da bruxaria, nos moldes em que estava sendo difundida.

Devido aos elementos presentes em sua argumentação, *Discoverie of Witchcraft* passou a ser apontado como uma das primeiras obras inglesas a esboçar um posicionamento cético sobre a crença na bruxaria, além de ser popularmente reconhecido como uma obra pioneira a explicar/desvendar que ficaria conhecido posteriormente como truques de ilusionismo.

Com isso, acredita-se que a escolha de *Discoverie of Witchcraft* foi muito acertada. Primeiramente por não haver qualquer produção nacional, até o momento, que se encarregou de analisá-lo. Acredito que isso ocorra, primeiramente, porque os pesquisadores dependem de trabalhos internacionais, que por muitas vezes encontram-se quase que inacessíveis. Por exemplo, há estudos que estão disponíveis somente em versões físicas alocadas em outros países. Claro, há a possibilidade de importação, mas o frete e as taxas acabam por inviabilizar isso. Ademais, nem sempre

---

<sup>4</sup> Alguns títulos, citados por Levack (1988, p. 50-51) publicados anterior e posteriormente ao *Malleus Maleficarum: Directorium Inquisitorum* (1376), de Nicholas Eymerich; o *Tractatus Hereticis et Sotilegiis* (1524), de Paulus Grillandus; a *Demononolatreiae* (1595), de Nicolas Remi; o *Disquisitionum Magicarum Libri Sex* (posterior à obra de Remi), de Martin Del Rio; *Discours des sorciers* (1602), Henri Boguet; *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons* (1612), de Jan Ziarnko; *Practica Rerum Criminalium* (1635), de Benedict Carpzow; e *Compendium Maleficarum* (1608), de Francisco Maria Guazzo. Além desses, há também o *Formicarius* (1475), de Johannes Nider.

<sup>5</sup> Grafia presente em *Discoverie of witchcraft* (1584).

esse caminho é possível, pois algumas obras, por alguma razão, não podem ser enviadas para o Brasil.

Em segundo lugar, temos o “bloqueio geográfico”. Caso você tenha a oportunidade de realizar a sua pesquisa no país em que sua fonte foi elaborada – Inglaterra, nesse caso – é possível consultar os materiais físicos nas próprias instituições que estão alocadas. Entretanto, caso você seja um pesquisador “à distância”<sup>6</sup> esse cenário obviamente muda. Você pode dar sorte de encontrar alguns “PDFs” liberados, mas em sua maioria, a instituição solicita um login, o qual só é possível caso você seja um residente local, aluno, professor ou funcionário daquela universidade, por exemplo. Apesar disso, ainda é possível solicitar uma cópia digital do material necessário, só que você será cobrado na moeda local por isso.

Por fim, mas não menos importante, há a questão idiomática. *Discoverie of Witchcraft* é uma obra inglesa datada do século XVI, com isso, torna-se necessário o pesquisador ter conhecimento do idioma inglês, ou ter a seu dispor um serviço de tradução qualificado. Além do conhecimento geral da língua, é necessário um esforço a mais para a compreensão dos significados das ideias ali expressas, que fazem sentido para aquela época. Nesse sentido, dicionários históricos ou glossários desse período podem ser de grande ajuda, assim como uma breve noção ou boas referências sobre os caracteres da época.

Fica claro, portanto, que inúmeros fatores podem afetar diretamente o desenvolvimento de pesquisas relacionadas a essa obra de Reginald Scot. Com isso, visando contribuir, mesmo que minimamente, para a transformação desse cenário, almejamos verificar as possíveis vicissitudes na concepção da bruxaria, no cenário europeu, a partir do tratado *The Discoverie of Witchcraft* (1584), de Reginald Scot.

Para concretizarmos tal objetivo, utilizaremos uma reimpressão datada de 1886, a qual apresenta pequenas variações e adições ao conteúdo das primeiras edições de *Discoverie of Witchcraft*, de 1584. Tais mudanças foram feitas para facilitar a leitura e compreensão dos leitores modernos, como explicado no próprio prefácio (SCOT, 1886, p. 8-9). Algumas delas foram a alteração no tamanho das

---

<sup>6</sup> Para situar o leitor: no momento em que a pesquisa foi iniciada, não tínhamos qualquer noção da pandemia de covid-19 que aconteceria posteriormente. Em suma, a partir do ano de 2020, tudo mudou, e os pesquisadores, alunos e professores, tiveram que se adaptar a uma nova realidade: o ensino e pesquisa à distância. Com isso, grande parte das ciências foram sendo construídas à distância. Isso teve, seus pontos negativos, entretanto, muito conhecimento acabou ficando mais acessível (eventos, palestras, produções, etc).

páginas as substituições de algumas letras, segundo o ousso moderno: como o *f*<sup>7</sup> o pelo *s*; *j* e o *i*; *u* e o *v*, quando necessário, assim como a inserção de uma introdução, erratas, notas e um glossário. Ademais, possui frontispícios de três edições diferentes, datados de 1584, 1651 e 1665, que demonstram as variações de alguns caracteres, assim como alguns complementos ou omissões acerca do conteúdo da obra.

Devido a tais particularidades, traçamos uma estratégia para que fosse possível compreender o conteúdo exposto no livro, sem muitas discordâncias de interpretação dos significados que o autor desejava transmitir. Com isso, a análise seguiu os seguintes passos: compreensão dos padrões linguísticos da época apresentados no próprio texto, a adaptação dos termos obsoletos juntamente com a correção de erros ortográficos, além de outras questões que serão abordadas com mais profundidade a seguir.

O primeiro passo para a análise, inevitavelmente foi a tradução. Pois apesar de contarmos com uma base confiável do idioma, havia termos e expressões que não faziam sentido, caso fossem analisados com a nossa compreensão do inglês atual.

Com isso, buscamos por uma versão editável (A PROJECT, 2021) da mesma edição que encontramos para análise, pois isso tornaria possível trabalhar através do software *Microsoft Office* e contarmos com a ajuda do corretor linguístico dele, em inglês. Para mapear os termos que sofreram alteração ao longo do tempo, desabilitamos a correção ortográfica automática, e fomos selecionando e tabelando os termos que foram sublinhados de vermelho, ou seja, todos aqueles que, para o programa, apresentavam erros ortográficos. Utilizamos tais estratégia, pois qualquer grafia diferente do inglês moderno, ele entenderia como um erro, mas não o corrigiria. Logo, isso nos deu praticidade em nosso mapeamento.

Após essa etapa, organizamos uma tabela, da qual um fragmento pode ser conferido ao final do trabalho, em “apêndice a”, na qual estão alocadas todas essas palavras, juntamente com as suas correspondências atuais. Tal tabela, foi decisiva para a nossa compreensão geral, pois além de tornar possível verificação de erros ortográficos, clarificou também, que o texto é composto por palavras do inglês antigo, arcaico e moderno. Mesmo parecendo um mero detalhe, à primeira vista, tais aspectos poderiam prejudicar a tradução e a compreensão das ideias. Podem ser citados como exemplos, os casos das palavras “*dive*”, que corresponde a “*devil*”,

---

<sup>7</sup> Chamado de *long “s”*, trata-se de uma forma antiga de grafia da letra “s” (A SHORT, 2020).

assim como “*kine*”, que equivale a “*cow*.” Apesar de todo esse esforço, ressaltamos que infelizmente não conseguimos fazer isso com todas as palavras, mas acreditamos que isso não comprometeu a nossa análise geral, pois foram poucos esses casos.

Para a conferência da alteração de grafia e significados das palavras, utilizamo-nos majoritariamente de dicionários e glossários online, como o *Shakespeare’s words* (GLOSSARY, 2021), que disponibiliza palavras que mudaram de significado desde a época de Shakespeare, ou tem sentido especializado. Os dicionários online como *Yourdictionary* (YOURDICTIONARY, 2021a), o qual informa caso a palavra seja a forma obsoleta de algum termo<sup>8</sup>; e *Engyes* (ENGYES, 2021a), que além disso, mostra a variação da grafia da palavra de acordo com o século<sup>9</sup>, quando disponível. Além deles, o *Wiktionary* (WIKITIONARY, 2021), também online, utilizado com todo o cuidado, sempre com a verificação das fontes. E por fim, o “*An universal etymological English dictionary, comprehending the derivations of the generality of words in the English tongue*” (BAILEY, 1783), o qual auxiliou na verificação de possíveis significados.

Ao final de tal processo, retornamos a versão editável da obra, e utilizamos o mecanismo de substituição do próprio software<sup>10</sup>, para substituímos todas as palavras “erradas” para a sua versão adaptada. A tabela 1 demonstra como a versão com grafia original, comparada à versão adaptada para o inglês moderno.

TABELA 1. Exemplificação do processo de adaptação do idioma inglês arcaico para o inglês moderno.

Trecho no inglês original	Trecho no inglês moderno adaptado
The fables of Witchcraft have taken so fast hold and deepe root in the heart of man, that fewe or none can ( <i>nowadaies</i> ) with patience <i>indure</i> the hand and correction of God. For if any <i>adversitie</i> , greefe, sicknesse, <i>losse</i> of children, corne, cattell, or libertie happen <i>vnto</i> them; by & by <i>they exclaime uppon</i> witches (SCOT, 1584, p.1).	The fables of Witchcraft have taken so fast hold and deep root in the heart of man, that few or none can (nowadays) with patience endure the hand and correction of God. For if any adversity, grief, sickness, loss of children, corn, cattle, or liberty happen unto them; by & by they exclaim upon witches (SCOT, 1584, p.1).

Fonte: elaborada pela autora

Somente após finalizamos toda essa adaptação, foi possível passar para a tradução de fato. A tradução foi feita via “google tradutor”, que devido ao cuidado anterior, fez uma tradução limpa e de excelente compreensão. Apesar disso, durante

<sup>8</sup> Exemplo: *Battell* é a forma obsoleta de *battle* (YOURDICTIONARY, 2021b).

<sup>9</sup> Exemplo: palavra *cozener* (ENGYES, 2021b).

<sup>10</sup> Na versão 2019, o atalho é “CTRL+U”.

a análise, ainda seguimos com a versão original aberta, juntamente com a traduzida, para tentar minimizar qualquer falha na compreensão da obra.

Por fim, ressaltamos que o cuidado com a tradução foi de extrema importância para a realização deste trabalho. Pois sem ela, não teríamos como compreender o conteúdo do livro a partir das ideias em que foi escrito e divulgado.

Para o exame dessa fonte, seguiremos pela análise do conteúdo da obra, utilizando o “Hológrafo Social, que é um dos quadros de referência, que compõe a teoria da Cibernética Social, proposta por Waldemar de Gregori (1988).

Em suma, trata-se de um instrumento que permite lidar simbolicamente com a realidade. A partir dele, é possível elaborar propostas de funcionamento de uma sociedade (GREGORI, 1988, p. 73). Nesse caso, além de descrever, o hológrafo é responsável por redefinir a estrutura interna de funcionamento dessa sociedade, de forma simbólica, de modo que ela possa ser compreendida a partir das interrelações entre seus diferentes aspectos, ou sistemas, assim nomeados pelo próprio autor (GREGORI, 1988).

O hológrafo é constituído por três dimensões: os “quatro operacionais”, os “quatorze subsistemas” e as “metas e dinâmicas”.

Os “4 operacionais” são os primeiros dados que percebemos durante a análise: os indivíduos (personagens) que geram ou presenciam (procedimentos) determinados fenômenos, que por sua vez, estão ocorrendo em determinados espaços (paisagem) e em um determinado momento/tempo (cronologia) (GREGORI, 1988).

Já os “quatorze subsistemas” é o desdobramento das informações verificadas no passo anterior. Eles podem ser compreendidos enquanto categorias que permitem a reorganização dos dados. São eles: S01-parentesco, S02-sanitário, S03-manutenção, S04-lealdade, S05-lazer, S06-viário, S07-pedagógico, S08 patrimonial, S09-extra-agri-ind-art, S10-religioso, S11-segurança, S12-político-administrativo, S13-jurídico e S14-precedência.

Por fim, as “metas e dinâmicas”, que são aquilo que os sujeitos, ou sociedade se propõem a alcançar em algum futuro, podendo ser próximo, ou distante. Elas apresentam 5 graduações (GREGORI, 1988, p. 145-147):

M1-Metas potenciais: que são as originais e ligadas à natureza;

M2-Metas individuais: busca benefício individual;

M3-Metas grupais: que visam o benefício a um determinado grupo;



M4-Metas societárias: que visam o benefício de uma comunidade, nação e até do próprio planeta;

M5-Metas universais: “busca de amplificação, por indivíduos, grupos, sociedades, humanidade para alcançar reintegração ou reunificação em todas as esferas e níveis” (GREGORI, 1988, p. 147).

Com isso, o autor defende que o hológrafo universal, permite pesquisa/holografar qualquer fato, abrangendo, portanto, instituições, indivíduos, livros, entre outros. Dessa forma, sua utilização para a análise de *Discoverie of Witchcraft* se torna muito pertinente. A partir de sua utilização, será possível mapear os sistemas presentes na obra, e com isso, categorizar os dados. Após essa classificação, poderemos propor um modelo de realidade europeia e como era a dinâmica dela em relação a bruxaria, a partir da ótica de Reginald Scot. Dessa forma, será possível verificar a partir da bruxaria, como esses elementos “se cruzam, se combinam, se chocam, divergem e se reúnem (GREGORI, 1988, p. 74). A seguir, temos uma exemplificação da aplicação do método em um trecho do livro:

[...] Além disso, com o passar do tempo, ela [a suposta bruxa] torna-se cada vez mais odiada e desprezada por seus vizinhos: o que acaba por fazê-la amaldiçoar um ou outro indivíduo, o dono de uma casa, a esposa e filhos, assim como seu gado, e até mesmo o porquinho que está no chiqueiro. Portanto, no decorrer do tempo, todos aqueles que a desagradaram de alguma forma, ela poderia ter desejado má sorte e ter lançado maldições. Não há dúvidas de que alguns dos vizinhos dela possam ter morrido ou ficado doentes, assim como os filhos terem sido acometidos por doenças como: apoplexias, epilepsias, convulsões, febres altas, vermes, etc. No entanto, esses pais, devido a ignorância, acabam por concluir que foram vítimas de bruxaria, e devido isso, buscam por vingança. [...] Além disso, as concepções deles, acabam sendo confirmadas e reafirmadas por médicos inábeis, de acordo com o senso comum (SCOT, 1886, p. 6, tradução nossa).

A partir desse trecho, podemos perceber que a bruxaria (fenômeno e procedimentos), em certo momento, durante à caça às bruxas, na Europa (cronologia e paisagem) estava vinculada principalmente ao aspecto religioso (S10-religioso), pois o parágrafo remete as crenças que foram disseminadas (S06-viário). Com isso, nota-se que era comum crer que as bruxas (personagem), poderiam prejudicar animais (S09-extra-agri-ind-art), assim como lançar maldições (procedimentos), e doenças (S03- sanitário) aos vizinhos e aos filhos (S01-parentesco) daqueles que fossem contrários à sua vontade (metas individuais).

Para a organização dos dados dos dezesseis livros, utilizamos o software de pesquisa qualitativa gratuito *Taguette* (TAGUETTE, 2021) . Com ele, foi possível destacar os trechos e marcar com *tags*, os quatorze subsistemas, assim como das metas e dinâmicas, e essa forma, ele auxiliou para a melhor visualização e organização das informações.

Após essa etapa, exportamos os dados, os quais nos mostraram de forma quantitativa, os sistemas que mais estavam envolvidos coma temática bruxaria, e a partir dos números, assim como do próprio discurso, foi possível apontar para um possível sistema eixo.

Os resultados de tudo isso foram organizados em três capítulos. O primeiro capítulo se encarrega de contextualizar o leitor sobre a temática, a partir da discussão de conceitos como bruxaria, representação e imaginário, além de abranger parte da relação entre a Igreja Católica e a inserção da bruxaria no rol de heresias, e tratar da questão específica da Inglaterra.

O segundo capítulo, trata de apresentar um pouco sobre quem foi Reginald Scot, seus livros, dando destaque a *Discoverie of Witchcraft*, além de expor, brevemente, algumas de suas críticas e perspectivas particulares defendidas em sua obra.

O terceiro capítulo, traz as explicações de como organizamos os dados, assim como a análise de fato. Por fim, demonstra as perpetuações e desconstruções feitas por Scot, sobre a concepção de bruxaria, para no fim, podermos concluir se a bruxaria poder ou não ser um indicador de possíveis transformações, europeias, durante o século XVI.

Por fim, reforçamos que tudo o que foi exposto aqui é somente uma das inúmeras perspectivas passíveis de execução. Esperamos que a partir da leitura desse trabalho, o leitor sinta-se convidado e motivado a buscar cada vez mais sobre a temática, para que com isso, abram-se novos horizontes e problematizações.

## **CAPÍTULO 1**

### **DAS MÚLTIPLAS FACES DA BRUXARIA: CONSTRUÇÃO E CRIMINALIZAÇÃO EM SOLO EUROPEU**

*Se crer em bruxas é tão essencial à Fé Católica que sustentar obstinadamente opinião contrária há de ter vivo sabor de heresia.*

(Kramer & Sprenger, 1486)

Neste primeiro momento, compreenderemos, a partir dos conceitos de representação e imaginário, as noções de bruxaria, com a demonstração do processo de construção, defesa e criminalização. Além disso, trataremos da diferenciação da caracterização e entendimento sobre bruxaria para católicos e protestantes, destacando a concepção inglesa.

#### **1.1 A CONSTRUÇÃO DA BRUXARIA**

Muitos dos elementos comumente difundidos, tornam possível sintetizar o significado do termo “bruxaria” como o conjunto de práticas de bruxas ou bruxos. Além disso, na maioria dos casos, a bruxaria encontra-se vinculada às forças sobrenaturais, além de atribuir aspectos como previsão do futuro e efeitos divinatórios, ao feitio de uma bruxa, como exposto no dicionário *online* Michelis (BRUXARIA, 2020). Ademais, a bruxaria serve para fornecer, em certa medida, uma explicação plausível, dar um nome às situações desfavoráveis que se apresentam no cotidiano dos sujeitos.

No Brasil, a bruxaria é interpretada como algo prejudicial e se distingue do significado de feitiçaria, a qual segundo o dicionário Michelis, está relacionada às práticas de curandeirismo (FEITIÇARIA, 2020). Entretanto, não são todos os idiomas que conseguem apresentar tal distinção, como ocorre com o francês, por exemplo (SOUZA, 1987, p.13). Nesse sentido, Souza (1987, p. 11-12), demonstra que, historicamente, a feitiçaria remete às práticas mágicas das populações que, posteriormente, iriam compor as nações europeias. Nessa perspectiva, afirma que Circe e Medéia, da mitologia grega, seriam consideradas feiticeiras, devido à maneira como obtiveram e utilizavam seus poderes. Já as bruxas do período moderno, explica a autora, foram perseguidas pela Inquisição, principalmente pela associação de suas práticas, à adoração e ao pacto com o demônio (SOUZA, 1987).

Com isso, fica claro que o conjunto de elementos responsáveis por fornecer sentido a noção de bruxaria, podem apresentar alterações de acordo com a cultura e contexto em que foram/estão inseridos. Portanto, fatores como idade, local e idioma, contribuem diretamente para as diferentes percepções da bruxaria e seus agentes. Como exemplo disso, podemos utilizar a variação da noção de “bruxa” em alguns idiomas, evidenciada por Cardini (1996, p. 11-14). Os termos *bruxa*, *bruja* e *hexe*, do português, espanhol e alemão, respectivamente, remetem às antigas mulheres sábias e pagãs que moravam nos bosques. Já a palavra francesa *sorcière*, estaria diretamente ligada à ideia de que uma bruxa possa ser capaz de ter conhecimento do futuro. O vocábulo inglês *Witch*, faz alusão à sábia germânica que foi rerepresentada como a deusa tríplice *wicca* (CARDINI, 1996, p. 11). Por fim, *Strigae*, de origem latina, sugere a crença de que mulheres poderiam transformar-se em corujas à noite, e de que eram devoradoras de crianças (LEVACK, 1988, p. 42). Essa acepção de *Strigae*, teria contribuído, de acordo com Cardini (1996, p. 14) para a ligação das ideias de metamorfose e vampirismo às palavras italianas *striga* ou *strix*. Todos esses vocábulos foram utilizados para comunicar o significado de *incantatrix* ou *maléfica*, a partir do século XIII. Sendo exceções somente *strigae*, *striga* e *strix* (CARDINI, 1996, p. 14).

Apesar de todas essas variações, é praticamente improvável algum indivíduo desconhecer totalmente a essência que o termo bruxaria busca expressar. Desde muito cedo, ainda na infância, somos expostos a representações que, na maioria das vezes, reproduzem e reforçam uma caracterização de uma bruxa e de suas atividades. Ao nos voltarmos às adaptações de algumas fábulas<sup>11</sup>, notamos que essas personagens geralmente são dominadas pela ambição ou inveja, e devido a isso, são desenvolvidas como as principais antagonistas. As bruxas, são em sua maioria, mulheres desprovidas de bondade, mais velhas e solitárias, como visto em *João e Maria* (JOÃO, 2020), carentes de beleza, ou que assim simulam, como em a *Branca de Neve* (BRANCA, 1937), que costumam viver ou atuar em florestas.

---

<sup>11</sup> Compreendemos a ficção enquanto forma de representação. A partir disso, entendemos que histórias fictícias são contadas para gerar reflexões, tratar de condições humanas. Portanto, trabalhos que se utilizem dessas fontes são, de fato, muito relevantes. Entretanto, caso haja interesse genuíno em utilizá-las, muitos aspectos devem ser considerados, como o próprio contexto da produção, entre outros. Logo, a menção dessas narrativas neste trabalho, servem-nos somente para delinear algumas das permanências e rupturas acerca da bruxaria que seguem até os dias atuais.

Além disso, ao analisarmos os principais personagens dotados de poderes sobrenaturais em *O Mágico de Oz* (O MÁGICO, 1939), notamos, em primeiro lugar, que o bem e o mal estão norteados por princípios estéticos. A principal antagonista da narrativa, a Bruxa Malvada do Oeste, possui aparência física destoante do padrão humano (pele verde), ao passo que Glinda, a bruxa boa do Sul, apresenta características físicas muito mais próximas da protagonista. Tais aspectos são responsáveis por gerar o fator de identificação, quanto da repulsa pelo diferente. Além disso, ressalta-se que somente as mulheres são chamadas de bruxas, enquanto aquele que, supostamente, possui os poderes supremos, o Mágico de Oz, é um homem.

A bruxaria, vinculada diretamente ao feminino, não esteve reservada à terra de Oz. Durante o período moderno, a maioria das pessoas que foram perseguidas na Europa, eram do sexo feminino. Apesar de algumas edições do Martelo das feiticeiras (2015) fazerem menções a bruxos, notavelmente, o conteúdo do livro foi dedicado às mulheres acusadas de bruxaria.

Portanto, a bruxaria se manteve ligada quase que exclusivamente às mulheres, durante um longuíssimo período. Com isso, a possibilidade de Nicholas Scratch<sup>12</sup> se apresentar orgulhosamente enquanto *warlock*<sup>13</sup>, para Sabrina Spellman (CHAPTER, 2018), ou ainda, de Rúbeo Hagrid cogitar encontrar Harry Potter para revelar ao protagonista que ele era um bruxo<sup>14</sup> (ROWLING, 2000, p. 48), é algo consideravelmente recente.

Quando homens apresentavam qualquer habilidade relacionada ao sobrenatural, recebiam a denominação de magos, e suas atividades eram distintas daquelas realizadas por bruxas. O *magus*, estava vinculado à noção de sabedoria; era considerado como aquele que conhecia todas as leis e os segredos da alma humana, assim como do próprio universo. Enquanto as *incantatrix* eram interpretadas como agentes que decidiram utilizar seus poderes para a disseminação do mal (CARDINI, 1996, p. 12). Essa concepção de bruxaria, vinculada à maldade

---

<sup>12</sup> Uma curiosa que vale pena ser mencionada é de que o termo *scratch*, em inglês, é utilizado como um pseudônimo ou apelido para o Diabo.

<sup>13</sup> Literalmente “bruxo”.

<sup>14</sup> Nas edições em português, assim como na dublagem a adaptação cinematográfica correspondente ao título (HARRY, 2001). Entretanto, ao alterarmos o idioma do filme para o original, verificamos a utilização do termo *wizard*, o qual corresponde a mago.

intencional, e principalmente ao pacto, foi amplamente divulgada na Europa, durante os séculos XVI e XVII.

Percebemos que as representações e percepções sobre a bruxaria foram sendo elaboradas a partir de permanências e rupturas. Em vista disso, ao ser situada na longa duração, a crença na bruxaria, pode ser compreendida a partir da noção de imaginário.

Entendemos o imaginário como uma forma de representação, que sugere e simula tanto presenças, como ausências, as quais são dotadas de significações simbólicas (CHARTIER, 1990, p. 20; GINZBURG, 2001). Dessa forma, o imaginário torna-se um agente complementar da realidade na formação social, e com isso, responsável por lapidar, organizar e divulgar os elementos que paulatinamente foram associados à bruxaria (PESAVENTO, 1995, p.24; SWAIN, 1994, p. 54 *apud* ESPIG, 2004, p. 53). Os imaginários, atuaram, portanto, diretamente na distribuição de funções sociais, visto que forneceram às bruxas representações sobre elas e de suas práticas (ESPIG, 2004, p. 54).

Fica claro, portanto, que os imaginários sociais constantemente estão situados entre tensões, que visam o domínio dos bens simbólicos. Os resultados dessas disputas, são responsáveis por determinar o que será produzido e transmitido, assim como, por quem isso poderá ser realizado (ESPIG, 2004, p. 54). A conservação dos imaginários indica, portanto, uma forma de exercício e manutenção de poder.

A partir dessa perspectiva, abre-se um caminho para a compreensão de parte das atitudes tomadas pela Igreja Católica em relação aos “hereges”. Vista como uma forma de ruptura com a ordem estabelecida, a heresia representava um perigo aos dominantes, que buscavam constantemente a preservação da estrutura social tradicional (NOVINSKY, 1982, p. 12 *apud* ANJOS, 2016, p. 209). Com isso, visando manter o controle do sagrado, o bem simbólico gerador das relações de poder, uma das estratégias tomadas, foi a instauração da Inquisição (ANDRADE, 2013, p. 21-23). Tal instituição foi responsável por fornecer parte dos instrumentos que contribuíram para a legitimação e disseminação de imaginários acerca das heresias.

A partir disso, a identificação e manutenção das heresias, pode ser entendida enquanto um dos caminhos para “combater aquilo que consideravam como um elemento desagregador da sociedade”, e dessa forma, preservar a ordem estabelecida.

A instauração da Inquisição foi, portanto, um dos meios utilizados para a manutenção de um poder simbólico, assim como uma alternativa para sanar questões ou resolver problemas referentes àquela época.

Não há como negar o caráter violento no modo como parte dos processos inquisitoriais foram conduzidos. Entretanto, não podemos simplesmente aceitar ou reproduzir, por exemplo, que a Inquisição foi uma máquina sanguinária, responsável por perseguir, prender e exterminar pessoas de forma inflexível e implacável, desde o seu surgimento (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 38). Ao aceitar tais ideias generalizantes, podemos cair na armadilha da simplificação, e com isso, perde-se a oportunidade da problematização do fato histórico, assim como dos novos aspectos que poderiam ser apresentados.

Por fim, reforçamos a necessidade em se compreender a Inquisição e suas atitudes, a partir de seu próprio contexto. Apesar de não compactuarmos com qualquer ação ou ideia disseminada por tal instituição, na qualidade de produtores do conhecimento histórico, devemos elaborar e apresentar um pensamento sem estabelecer qualquer juízo de valor baseados no presente.

Tendo isso claro, abordaremos, a seguir, alguns aspectos sobre essa instituição, visando abordar elementos referentes à sua formação, assim como aqueles que contribuíram para a sua reputação nos dias atuais.

## 1.2 A INQUISIÇÃO E SEUS HEREGES

O marco da instauração da Inquisição pode variar segundo o interesse do pesquisador. Não há, portanto, consenso acerca de seu documento fundador. Enquanto de um lado são defendidas perspectivas que optam por considerar vestígios, ou um possível germen, em várias documentações, da futura instituição; do outro, pesquisadores interessam-se mais por selecionar aspectos que demarquem isso claramente, como por exemplo, alguma bula específica. Dessa forma, Jacinto Coutinho (*apud* CARVALHO, 2005, p. 36), defende que a bula *Ad Extirpanda*<sup>15</sup>, emitida em 25 de maio de 1252, por Inocêncio IV, teria sido a primeira resposta contra todas as ideias concorrentes às leis da Igreja Católica. Já Pinto (2010, p. 191), aponta as bulas *Licet ad Capiendos* (1233), emitida por Papa Gregório IX, assim como a

---

<sup>15</sup> Podendo ser encontrada grafada como *Ad Exstirpanda*.

edição *Ad Extirpanda*, feita no mesmo ano, também por Gregório IX como demarcadores do início da Inquisição e da perseguição aos hereges. Rust (2012), por sua vez, argumenta a favor das bulas *Ad Abolendam* (1184) e *Vergentis in Senium* (1199) como elementos instituidores da Inquisição.

Independente do documento a ser considerado, pois todos os citados, em alguma medida, sugerem a criação da Inquisição, o que de fato nos interessa, são os objetivos dessa instituição. Lehmann e Souza (2011, p. 40 – 41) defendem a Inquisição como uma forma de defesa pela qual a Igreja Católica tentou barrar o avanço do catarismo. A doutrina cátara teria sido classificada como heresia, pois segundo os autores, apresentava ideias que colocavam em questionamento os dogmas cristãos.

As investigações, que poderiam ou não, resultar na condenação do acusado, eram de responsabilidade do Santo Ofício, contudo, não era responsável pela execução das penas. Nas palavras de Lehmann e Souza (2011, p. 41-42) pois “[...] após o julgamento, o réu era entregue ao tribunal régio, para que este sim, executasse a pena, o que era geralmente realizado com pedido de benevolência do representante da Igreja”. Com isso, a aplicação das penalidades não estava diretamente relacionada a tal unidade jurídica (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 42).

No que se refere a tortura, foi autorizada a ser reativada durante o século XIII. Com isso, as autoridades jurídicas elaboraram um regulamento para administrar a sua utilização, quando fosse necessário (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 18). Tais normas, almejavam minimizar a chance de algum inocente ser torturado desnecessariamente, além de prezar pelo impedimento de confissões forjadas, e de delimitar a sua intensidade e recorrência (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 47-48).

Apesar de nem sempre terem sido cumpridas, algumas dessas regras consistiam na proibição da tortura em casos de impossibilidade de comprovação de culpa do acusado, além de não poder ser utilizadas em crianças e em mulheres grávidas. Por fim, durante sua execução, a vítima não poderia sucumbir (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 48).

Por fim, destacamos que nem todo indivíduo intitulado herege foi condenado. Pelo menos não na região do Friuli, durante o século XVI, como demonstra Ginzburg (1988). Apesar da obra tratar de um outro momento da Inquisição, o livro trata de aspectos que como esse, convidam à reflexão e discussão.



Ao trabalhar com processos inquisitoriais abertos contra os *benandanti*, o autor demonstra algumas das barreiras sociais, mentais e culturais, existentes entre as testemunhas, acusados e os inquisidores (GINZBURG, 1988, p. 148-149). Algumas delas, como a linguística, podem ser percebidas, por exemplo, a partir do processo contra Michele Soppe (GINZBURG, 1988, p. 146-149). Além disso, as tentativas de “adaptação” dos discursos dos acusados, feitas pelos inquisidores, para encaixá-los nos moldes dos tratados demonológicos, podem demonstrar, segundo Ginzburg (1988), a dificuldade/impossibilidade ou ainda desinteresse, de compreensão das crenças dos *benandanti* pelos inquisidores. Isto pode ser observado, tendo como exemplo, a repetição da pergunta “o que é benandante?”, ou variações dela, em quase todos os relatos explorados no livro.

Com isso, podemos considerar, que a transladação de sentidos dos elementos que compunham o Cristianismo a outras explicações de realidade da época, atuaram diretamente em parte dos processos ocorridos contra os “hereges”. Com isso, a assimilação dos *benandanti* aos feiticeiros se torna compreensível na medida que entendemos que a Inquisição dispunha somente de vocabulário para condenar bruxas, mas não *benandanti*.

Ao considerarmos que os *benandanti* foram compreendidos como feiticeiros, a partir da transladação de elementos da bruxaria para explicar suas práticas, a partir de qual momento a categoria feitiçaria ou bruxaria passou a ser perseguida e condenada?

### 1.3 A BRUXARIA HERÉTICA

Cardini (1996, p. 14), demonstra que a bruxaria não era tratada como um problema real pela Inquisição, ela só passou a ter relevância após o crescente número de denúncias populares que atribuíram, os desastres naturais, assim como a má sorte, ao feitio de uma *incantatrix*. Como resposta a isso, João XXII emitiu a *Super Illius Specula* (1326), bula que oficialmente passou a considerar as ações dessas mulheres como verdadeiras heresias (CARDINI, 1996, p. 14).

No entanto, o *maleficium*, ato realizado com intenção de causar danos, logo saiu de cena, deixando o pacto com o Diabo, como protagonista. Tal elemento, inserido no fim do período medieval, através da literatura demonológica, foi aceito pela Igreja Católica por basear a teoria da origem dos poderes das bruxas (THOMAS, 1991,

p. 357). Em suma, defendia-se que para poderem se vingar de seus inimigos, as supostas bruxas, decidiam renunciar a Deus e jurar fidelidade ao maior oponente Dele. Esse aspecto contribuiu para que a bruxaria se tornasse o pior dos pecados possíveis (THOMAS, 1991, p. 357).

Associado à ideia do pacto, estava também as crenças de que as bruxas voavam para encontros noturnos, os sabás, nos quais se reuniam com a intenção de adorar ao Diabo. Quanto às atividades realizadas nessas reuniões, muitas representações podem ser encontradas, e com isso, a variabilidade de seus elementos. Por vezes, foram detectados “[...] relatos de relacionamento sexual entre bruxas e demônios, mas em outras ocasiões havia alegações de promiscuidade sexual generalizada entre as próprias bruxas”. Nessas caracterizações estavam presentes também “[...] tanto o dançar despido quanto o infanticídio cabalístico” (LEVACK, 1988, p. 36-48). Levack (1988) atribuiu o desdobramento da caça às bruxas na Europa, à crença no sabá.

Destoando de Levack (1988), e apresentando uma nova perspectiva, Lehmann e Souza (2011, p. 50) defendem que a participação das autoridades seculares contribuiu diretamente para a proporção da caça. Além disso, acrescentam que a própria mudança do sistema penal utilizado também contribuiu para isso. Anteriormente ao século XIII, os tribunais utilizavam o sistema acusatório, como sistema do processo penal, e isto dificultava o julgamento dos crimes (LEVACK, 1988 *apud* LEHMANN, 2011, p. 45). Com isso, a

[...] Demanda criminal era iniciada e julgada por uma pessoa privada, geralmente a parte prejudicada ou alguém a ela era vinculada. A acusação consistia em uma declaração formal, pública e sob juramento, que resultava no processo do acusado perante um juiz. Na hipótese de dúvida, o tribunal dirigir-se-ia a Deus para que algum sinal de culpa ou de inocência fosse mostrado: as ordálias ou juízos de Deus.

No sistema acusatório, o promotor era o próprio acusador e, na hipótese de o réu provar sua inocência, o acusador estava sujeito a ser também julgado, de acordo com a antiga tradição romana da *lex talionis* (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 45).

O sistema acusatório foi sendo paulatinamente abandonado, até que foi substituído por um novo sistema penal que estava sendo esboçado (LEVACK, 1988, p. 67). Consolidado a partir do século XVI, na Europa Continental, o processo por inquérito distinguia-se do anterior em vários aspectos. Apesar disso, sua maior diferenciação se deu pela oficialização de todos os estágios do processo. Além disso,

permitia aos oficiais do Tribunal, assim como o promotor, ou o próprio juiz intimar aqueles que fossem considerados suspeitos, a partir de informações que eles mesmo obtiveram, podendo, portanto, ser algo verídico, ou simplesmente boatos (LEHMANN; SOUZA, 2011, p. 45).

Outro agente impulsionador dessa perseguição foi o tratado *Malleus Maleficarum*, publicado em 1486, em Espira, na Alemanha. O livro foi considerado um dos mais completos instrumentos para a identificação e condenação de bruxas, durante o período moderno (LEVACK, 1988; OSGA, 2018, no prelo).

### 1.3.1 O Martelo das Bruxas

Henricus Institoris e Jacobus Sprenger (2015, p. 55), autores do manual, consideravam a crença na bruxaria como um aspecto fundamental para a fé cristã. Desse modo, uma das principais artimanhas utilizadas pelos inquisidores para provar que as bruxas realmente existiam, foi a problematização da descrença na própria bruxaria, discutida através da primeira questão do manual (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 55-69). Os autores defendiam a onipotência divina, ou seja, acreditavam que o Deus do Cristianismo estava no controle de tudo, inclusive ao ponto, de que o Diabo precisaria da permissão Dele, para fornecer poderes às bruxas. Dessa forma, qualquer manifestação que contrariasse ou questionasse a existência de bruxas, era o mesmo que dúvidas dos poderes divinos, sendo, portanto, uma forma de heresia.

Em suma, o livro se encarregava de defender e comprovar a existência da bruxaria. Além disso, tratou de indicar as características das bruxas e sugerir formas para se obter as confissões. Todo seu conteúdo foi organizado em três partes, das quais, a primeira intitulada “Das três condições necessárias para a bruxaria: O Diabo, a bruxa e a Permissão de Deus Todo-Poderoso”, foi construída a partir de dezoito questões que enfatizam a existência do Diabo e das bruxas, assim como seus poderes maléficos.

Na segunda seção da obra, “Parte II: dos métodos pelos quais infligem malefícios e de que modo podem ser curados”, foram expostos os danos que poderiam ser causados por uma bruxa, visando assim, demonstrar o quão perigosas elas poderiam ser. Como complemento, os autores discorrem sobre possíveis “remédios preventivos” que tornavam os homens imunes à bruxaria.

O último segmento, “Que trata das medidas judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges”, foi organizado em 53 questões, é descrito e legitimado as formas de aniquilação da heresia, principalmente a bruxaria.

Visando demonstrar a aceitação da obra pela Igreja Católica, os autores anexaram ao livro, uma série de documentos, como a *Summis Desiderantes Affectibus*, bula de Inocencio VIII, assim como a da *Apologia Auctoris*, de Jacobus Sprenger e do Certificado de aprovação do *Malleus Maleficarum* pela Faculdade de Teologia da Universidade de Colônia.

O *Malleus Maleficarum* foi amplamente disseminado pela Europa, principalmente entre os séculos XV a XVII, podendo ser mapeados um total de 103 registros na Alemanha; 70 na França; 18 na Itália e somente 2 na Polônia, sendo a maioria publicada em Latim, com poucas exceções (OSGA, 2018, p. 39-40, no prelo).

Levack (1988, p. 55), apesar de não sinalizar as localidades exatas, afirma que o manual teve, pelo menos, 14 impressões até o ano de 1520. Já Muchembled (2001, p. 50) aponta que, até o mesmo ano, foram publicadas 15 edições, mapeando a maioria próximas à região do Reno ou Nuremberg, com exceção de duas, em Paris. Ademais, acrescentou que o manual ficou em alta durante 1520 a 1574, e posteriormente, contou com mais 19 edições, estando três em Veneza, entre os anos de 1574 a 1579, dez na cidade de *Lyon*, entre 1584 e 1669 (MUCHEMBLED, 2001, p. 61). Apesar disso, Osga (2018, no prelo) defende a existência de 99 registros datados entre os anos de 1485 a 1520; 21 registros entre 1520 a 1574; 22 registros de 1574 a 1579, e por fim, 77 registros entre 1584 e 1669.

Keith Thomas (1991, p. 358), por sua vez, demonstra que até o ano de 1700, foi impresso dezesseis vezes na Alemanha, e 11 vezes na França. Além disso, o autor reforça a ideia de que o manual esteve totalmente ausente em terras inglesas, sendo mapeado somente após 1520 (THOMAS, 1991, p. 356). Acrescentando a isso, Osga (2018) demonstrou que não houve números significativos de edições ou registros datados do manual, durante o apogeu da caça, contando com apenas um registro, datado do século XVII (OSGA, 2018, no prelo).

Gostaríamos de poder investigar a fundo as razões dessa suposta falta de interesse dos ingleses no livro. Entretanto, como o *Malleus Maleficarum* não é o foco deste trabalho, nos resta apenas, deixar isso como recomendação para futuras investigações.

## 1.4 A BRUXARIA EM TERRAS INGLESAS

Como vimos anteriormente, nos territórios, onde a Igreja Católica tinha influencia, o crime de bruxaria era condenado devido ao pacto de lealdade feito entre uma bruxa e o Diabo. Com isso, a ausência desse caráter diabólico nos atos de feitiçaria promulgados na Inglaterra, durante o recorte estudado, pode ser apontados como principal aspecto principal aspecto de distinção no trato do crime de bruxaria.

De acordo com o site do Parlamento do Reino Unido, o “Ato de Bruxaria” promulgado em 1541, punia com perda de bens e com morte, as práticas que perturbassem ou causavam danos tanto ao reino, quanto aos súditos. Além disso, Méndez (2012, p. 9), afirma que até o governo de Elizabeth I, a bruxaria não era considerada crime secular no reino, além disso, qualquer referência ao *sabá* se manteve ausente (WICH, 2022). Ademais, com a “Lei da bruxaria” de 1562, os julgamentos de bruxaria foram transferidos da Igreja para os tribunais comuns.

Fica claro, portanto, que as bruxas “tipicamente inglesas”, eram condenadas pelos seus atos, e não por uma possibilidade de crime contra a fé cristã. Ou seja, a concepção aqui se manteve ligada ao conceito de *Maleficium*, e não a uma perspectiva demonológica (MÉNDEZ, 2012, p. 7-8).

Como podemos perceber, ambas as leis de bruxaria foram oficialmente publicadas a partir de líderes protestantes. Dessa forma, torna-se importante expor, mesmo que de forma breve, a constituição do Protestantismo na Inglaterra.

## 1.5 A REFORMA PROTESTANTE NA INGLATERRA

Após os sucessivos fracassos em conceber um herdeiro homem ao trono inglês, Henrique VIII solicitou a Roma, a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão. Tal dispensa não foi aceita primeiramente por ferir o direito canônico, e segundo, porque o papa Clemente VII dependia do apoio do imperador Carlos V, que era sobrinho de Catarina de Aragão (NETO, 2010, p. 5). Diante desse cenário, o rei não teve outra opção, senão optar pelo rompimento com a Igreja Católica.

A partir disso, o parlamento inglês aprovou o “Ato de Supremacia” que declarou Henrique VIII e seus sucessores os chefes supremos da Igreja na Inglaterra (NETO, 2010, p. 9; EDWARDS, 2018, p. 390). No ano seguinte, o arcebispo Thomas

Cromwell solicitou a eliminação de qualquer referência feita ao papa presente nos livros litúrgicos e a proibição de orações a ele (EDWARDS, 2018, p. 388).

Apesar disso, foi no reinado de seu sucessor, Eduardo VI que percebemos maior caminhar da reforma, e a instauração do protestantismo na Inglaterra (FERREIRA, 1999, p. 2). A partir de 1547, foi autorizado pelo Parlamento, o acesso dos leigos ao cálice da comunhão, além disso, foram repelidos os Seis Artigos e posteriormente em 1549, tornou-se legal o casamento entre clérigos. Ademais, estabeleceu-se que os cultos passariam a ser inglês, não mais em latim (FERREIRA, 1999, p. 2).

Após o falecimento de Eduardo VI, Maria I, filha de Catarina de Aragão com Henrique VIII, foi coroada. Visando evitar que o trono caísse novamente em mãos protestantes, Maria casou-se com o católico Felipe II, de Espanha, e em seu reinado, promoveu a Contra-Reforma, com reestabelecimento do catolicismo na Inglaterra (EDWARDS, 2018, p. 391). Suas políticas governamentais consistiram na perseguição do protestantismo, assim como de seus defensores. Estima-se que cerca de trezentos protestantes foram castigados, entre os quais estavam Thomas Cranmer e os bispos Latimer e Ridley (FERREIRA, 1999, P. 2). Além disso, Ferreira (1999, p. 2), afirma que oitocentos protestantes fugiram do continente. Devido a essa postura, ela recebeu o apelido de Maria, a sangrenta (VARGAS, 2003).

Fica claro, portanto, que ao ascender ao trono inglês, em 1559, Isabel I ou Elizabeth I, se deparou com uma realidade bastante complexa no que se referia aos assuntos religiosos. Apesar disso, a monarca manteve como principal objetivo, a imposição do protestantismo e a erradicação do culto romano, assim como da liturgia católica em terras inglesas (MÉNDEZ, 2012, online).

Ao impor sua supremacia política e religiosa, Elizabeth I, traçou uma efetiva disputa de poderes contra a Santa Sé (MULZA, 2018, p. 311). Para exemplificar essa bipolaridade, Mulza, (2018), utiliza-se de três documentos promulgados pela rainha Elizabeth, entre os anos de 1558 a 1603.

O documento *Queen Elizabeth's Proclamation to Forbid Preaching* (1558), é constituído pelas primeiras determinações da rainha, que regulamentava os ritos e práticas religiosas que deveriam ser inseridos em seu reino (MULZA, 2018, p. 315-316). Além disso, através do *Elizabeth's Supremacy Act, Restoring Ancient Jurisdiction* (1559), Elizabeth garantia o reconhecimento de sua supremacia por aqueles que ocupasse cargos públicos, pois, estipulou-se que todos os funcionários

do Estado, que tivessem função vinculada ao aspecto político ou religioso, deveriam fazer um juramento a favor da monarca, o que não foi bem visto pelo papado (MULZA, 2018, p. 311).

Com isso, o antipapismo de Elizabeth foi confirmado a partir do *Elizabeth's Act of Uniformity* (1559), que decretou a política religiosa de Isabel I, (MULZA, 2018, p. 316). A partir dele

Contestar-se-ia o poderio ideológico do *Pontifex Maximus* através da afirmação do anglicanismo como doutrina comungada pelo Estado inglês. Ratificar-se-ia o usufruto do *Livro de Orações Comum* nas cerimônias e práticas religiosas, edificado no governo eduardiano (1547-1553) (MULZA, 2018,p. 316).

Por fim, com os aspectos mencionados, percebemos que durante esse contexto, a política e religião estavam estritamente vinculados. Dessa forma, ao ser atribuído a Elizabeth I a condição de chefe supremo da Igreja inglesa, “[...] a doutrina anglicana constituiu em um reflexo do antagonismo de poderes, visto que o ideário anglicano não implicou em efetivas mudanças teológicas” (MULZA, 2018, p. 318). Foi a partir disso que “ser inglês” passou a ser vinculado ao “ser protestante”, e automaticamente, “ser católico” foi ligado ao “ser estrangeiro” (MÉNDEZ, 2012, p. 2).

## CAPÍTULO 2 DA HERESIA À IDOLATRIA: UMA SUPERSTIÇÃO “PAPISTA” CHAMADA BRUXARIA

*[...] não nego que existam bruxas ou imagens: mas detesto as opiniões idólatras que delas se concebem; referindo-se à obra e ordenança de Deus, que eles atribuem ao poder e malícia das bruxas; e atribuindo essa honra a Deus, que eles atribuem aos ídolos.*

(Reginald Scot, 1584)

Neste capítulo, propomos apresentar a temática bruxaria, a partir de ótica de um protestante. Com isso, serão apresentados aspectos sobre a vida de Reginald Scot e sua obra *Discoverie of Witchcraft*, publicada em 1584.

### 2.1 PROTESTANTISMO, CETICISMO E BRUXARIA

Para os protestantes, a Bíblia era a única fonte de verdade (LEVACK, 1988, p. 107). Dessa forma, tudo aquilo que não estivesse presente nas Sagradas Escrituras, era passível de contestação. Portanto, a ausência da descrição ou menção direta a bruxas e pactos, das Sagradas Escrituras, tornou-se um dos argumentos mais repetidos para contestar a existência da bruxaria, da forma como foi construída pela Igreja Católica. É a partir dessa mesma base argumentativa, que obras céticas inglesas posteriores, como *The Displaying of Witchcraft* (1677), de John Webster, foram elaboradas (THOMAS, 1991).

Apesar disso, a ascensão de Jaime I<sup>16</sup> (1566-1625) ao trono inglês, partir de 1603, contribuiu para as perseguições e repressões contra bruxas na Inglaterra (GONÇALVES, 2008, p. 4). James VI, defendia plenamente a crença na bruxaria, e a partir disso, tornou-se o primeiro rei a elaborar um tratado demonológico, *Daemonologie* (1597), publicado treze após a publicação de *Discoverie of Witchcraft*, de Reginald Scot. Nas palavras de Gonçalves (2008, p. 4), o conteúdo dessa obra expressa a ideia de bruxaria como “aquela que afronta o rei, que trama contra seus domínios e realiza prodígios demoníacos em terras cristãs”.

A partir disso, fica claro que durante o auge da caça às bruxas, a Inglaterra dispunha de diversos pontos de vista, principalmente devido à crença e influência de

---

<sup>16</sup> James VI, rei da Escócia, e James I, rei da Inglaterra e Irlanda são o mesmo sujeito.



seus monarcas. Com isso, durante os séculos XVI e XVII, os autores tiveram instrumentos que os permitiram refletir e elaborar discussões que apresentassem pontos de vista distintos, daqueles disseminados pela Igreja Católica. *Discoverie of Witchcraft*, é um desses livros, e entrega uma posição nitidamente protestante. Além disso, Reginald Scot, faz questão de criticar e ridicularizar o *Malleus Maleficarum* (1486), de Kramer e Sprenger e *De la démonomanie des sorciers* (1580), de Jean Bodin, “os quais foram utilizados por caçadores de bruxas ingleses antes da Reforma (LITTLEWOOD, 2009, p. 350, tradução nossa).

## 2.2 REGINALD SCOT

Reginald Scot, autor e político inglês, era filho de Richard Scot e de Mary Scot, filha do xerife de Kent, George Whettenal, nasceu provavelmente no ano de 1538<sup>17</sup>, na vila de Smeeth, próximo ao distrito de Ashford, em Kent, onde viveu a maior parte de sua vida, como *gentleman farmer*<sup>18</sup> (ALMOND, 2011, p. 12; LITTLEWOOD, 2009, p. 349; MODESTIN, 2005, p. 5). Tal estilo de vida, deve ter motivado a publicação de *A Perfect Plataform of a Hop Garden* (1576), obra que trata sobre o cultivo de lúpulo, desde a preparação até os métodos de secagem usados na Inglaterra Elizabetana. Além dele, elaborou o tratado *Discoverie of Witchcraft* (1584), responsável por demonstrar o ceticismo de Scot sobre assuntos ocultos, divinatórios ou esotéricos, além de expor uma posição crítica sobre a forma como a Igreja Católica tratava a crença na bruxaria (ALMOND, 2011, p. 1).

Apesar de ter ingressado na faculdade *Hart Hall*<sup>19</sup> (Aula Cervina), da Universidade de Oxford, aos 17 anos, Scot não completou a graduação (WOOD *apud* ALMOND, 2011, p.12). Por volta de seus 40 anos, seis anos antes da publicação do *Discoverie of Witchcraft*, ocupou o cargo de juiz de paz, e posteriormente, durante os anos de 1586 e 1587, atuou como cobrador de impostos, além de ter representado seu eleitorado no parlamento de Kent, em 1588 (MODESTIN, 2005, p.6).

Ademais foi um magistrado e pode ter participado, portanto, de interrogatórios das pessoas acusadas de bruxaria. Modestin (2003 *apud* LITTLEWOOD, 2009, p.

---

<sup>17</sup> A datação de seu nascimento é incerta, entretanto, há possibilidades de tenha decorrido próximo ou exatamente ao/no ano de 1538 (ALMOND, 2011, p. 12).

<sup>18</sup> Trata-se de proprietário de terras que possui uma fazenda como parte de sua propriedade e que cultiva principalmente por prazer e não por lucro ou sustento.

<sup>19</sup> Atual Herford College.

349), defende a possibilidade de Reginald Scot ter participado de um julgamento de bruxaria, em Rochester, no ano de 1581, como membro do júri. O autor acredita que ele foi o responsável pela suposta bruxa ter sido inocentada: ele teria sido aquele que expôs não acreditar em bruxas, portanto, não teria caso para responder.

Reginald Scot casou-se duas vezes, tendo como sua primeira esposa Jane Cobbe, filha de Thomas Cobbe de Aldington, em 11 de outubro de 1558<sup>20</sup>, e dessa união, nasceu Elizabeth Scot, por volta de 1574 (ALMOND, 2011, p. 12). Sua segunda companheira foi Alice, uma viúva que herdou de seu falecido ex-cônjuge, uma filha, Marie, e algumas propriedades de terra em *Aldington, Ruckinge e Sellindge*. Tal matrimônio foi responsável pelo acúmulo de riqueza de Scot, próximo à morte dele, ocorrida em 9 de outubro de 1599. Com isso, Almond (2011, p. 12) defende que esse casamento provavelmente ocorreu após o ano de 1584, pois antes desse período, Reginald Scot era dependente de seu primo, Sir. Thomas Scot (ALMOND, 2011, p. 12).

Próximo ao ano de seu primeiro casamento, em 1558, Scot passou a se dedicar de forma rigorosa às suas leituras (WOOD *apud* ALMOND, 2011, p. 12). Sua bibliografia provavelmente foi proveniente da biblioteca de seu primo, Sir. Thomas Scot. Nas horas de lazer dedicava-se à agricultura e à jardinagem (ALMOND, 2011, p. 12).

Reginald Scot ficou conhecido entre seus contemporâneos como um indivíduo que perseguia profundamente seus interesses. Com isso, ao desejar compreender a bruxaria, passou a comparecer a julgamentos e elaborar questionamentos que direcionava aos clérigos (LITTLEWOOD, 2009, p. 349). Além disso, West (*apud* Littlewood, 2009, p. 349), especulou a possibilidade de uma tentativa de ser admitido em um suposto coven de bruxas.

Todo esse ímpeto em relação a bruxaria, foi direcionado para a elaboração de seu próprio tratado, o *Discoverie of Witchcraft*, obra na qual Reginald Scot tentou demonstrar que as bases responsáveis por sustentar a crença na bruxaria, apresentavam incongruências. Defendeu que a bruxaria era algo inconcebível, pois estava baseada em contrato impossível de ser realizado. Para ele, não era admissível crer na possibilidade de o Diabo poder fazer acordos com as bruxas, pois demônios não eram capazes de estabelecer contato com humanos. Toda essa perspectiva

---

<sup>20</sup> Almond (2011, p. 12) aponta 1658 como o ano do casamento de Scot. Apesar disso, acreditamos que isso foi um erro de digitação, pois Reginald Scot nasceu em 1538 e faleceu em 1599.

sobre a bruxaria contribuiu para que fosse considerado o primeiro tratado demonológico com postura cética em relação à tal crença (KAPITANIAK, *online*, 2016).

### 2.2.1 A Descoberta da Bruxaria

A obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1584, em Londres, e contou com um total de 250 cópias impressas (SCOT, 1886). Seu conteúdo está organizado em aproximadamente 488 páginas, que foram divididas em dezesseis livros e 249 capítulos. Posteriormente, foram adicionados aos exemplares 34 capítulos, que totalizam 71 páginas, que correspondem ao trecho *A Discourse upon divels and spirits*<sup>21</sup>. Devido ao teor de seu conteúdo, e por ter sido inserida somente a partir da terceira edição (1665), há especulações sobre a possibilidade dessa extensão não ter sido escrito por Scot (Amond, 2011).

Acredita-se que *The Discoverie of Witchcraft* começou a ser escrito no ano de 1580, mesmo ano em que *De la Démonomanie des Sorciers*, de Jean Bodin, foi anunciado (ALMOND, 2011, p. 4). Acreditamos que ele finalizou a obra entre 1583 e 1584, pois fez uma referência cronológica direta através da expressão “*now this present year 1583*”, quando falou sobre a obra de Leonardus Vairus (SCOT, 1886, p. 99). A sugestão de Almond faz sentido, já que Reginald Scot direciona algumas críticas sobre tal obra, o que só poderia ser feito, obviamente, após ele ter tido acesso ao livro. Além dele, o próprio *Malleus Maleficarum* foi alvo dos comentários de Scot.

Em *Discoverie of Witchcraft*, há quatro epístolas, sendo três endereçadas a indivíduos com certa proximidade de Scot, pois em suas saudações finais termos como “amigo” e “primo” se fazem presentes. Tais correspondências podem ter sido anexadas posteriormente, devido a seu caráter histórico, mas como não temos como averiguar tal informação, trabalharemos com a hipótese de a inserção delas foi uma opção direta de Reginald Scot.

A partir do conteúdo expresso nelas, fica claro que Scot quis apresentar aos seus destinatários, suas dores e preocupações acerca da forma como a bruxaria e seus agentes, estavam sendo defendidas e disseminadas pelos Católicos Romanos, assim como escritores, magistrados, que para ele, só concordavam na crueldade

---

<sup>21</sup> Devido a sua inserção posterior, não realizamos a análise desse fragmento nessa pesquisa.

(SCOT, 1886). Com isso, cremos que, ao escolher cada um deles, Scot visava transformar, mesmo que minimamente, o cenário, que para ele, naquele momento, era cruel e sem coerência, pois acreditava que todo aquele que pecasse, não deveria ser morto por um magistrado (SCOT, 1886, p. VIII-XXVI).

Uma de suas queixas está embasada no fato de que geralmente, as pessoas acusadas e condenadas por bruxaria, são aquelas que são mais desfavorecidas socialmente, ou seja, pobres, ignorantes e velhas. A partir disso, ele recorre, primeiramente, a Sir Roger Manwood Knight, Chefe Barão do Tesouro Inglês. Na perspectiva de Scot, tal juiz era um “pais dos pobres”, e fazia questão de auxiliar os menos favorecidos não só com esmolas e hospitalidades, mas tendo também “[...] um cuidado especial para apoiar os direitos deles, assim como remediar seus erros, sem esquecer da calamidade” (SCOT, 1886, p. VII, tradução nossa). Scot o escolheu, pois acreditava que Sir. Roger era um indivíduo que poderia considerar seus apontamentos, devido a experiência dele, e com isso, ele não se deixaria levar pelas persuasões e superstições de seu tempo (SCOT, 1886, p. VII-XII).

Seu segundo destinatário, foi seu primo, Sir. Thomas Scot, ao qual solicitou a consideração de seus argumentos, quando estivesse diante de acusações de bruxaria. Com isso, Reginald pede a Thomas que observasse as seguintes questões: se as evidências apresentadas contra os acusados não são contrárias a razão, ou seja, constituídas a partir de impossibilidades, assim como, verificar a facilidade com que as confissões eram feitas (SCOT, 1886, p. XIII).

Sua terceira epístola foi endereçada a Sr. Dr. Coldwell, deão de Rochester, e arqui-diácono de Canterbury. Pelas palavras de Scot, ele também foi selecionado devido a experiência, pois acreditava que a partir dela, poderia julgar a obra, de forma a defendê-la ou corrigi-la. Para ele, Reginald expõe seus questionamentos mais aprofundados sobre as características da bruxaria, como a possibilidade de espíritos tomar um corpo e utiliza-lo a seu bel-prazer, assim como a possibilidade de tornar um corpo carnal invisível. Ademais, é a ele que Scot lamenta que os poderes de Deus sejam atribuídos a tais indivíduos (SCOT, 1886, p. XVI-XIX).

Sua última carta é direcionada aos seus leitores, dos quais ele espera, que leiam tal livro, não perdendo de vista, seu senso próprio e que considerem a palavra de Deus. Com isso, mais uma vez irá criticar a postura dos católicos, assim como a autoridade dos inquisidores, e escritores, em relação a exaltação da onipotência das bruxas, por eles defendidas e disseminadas. Sua argumentação se baseou no fato de

que em nenhum momento, palavras que remetem a bruxaria foram encontradas na bíblia (SCOT, 1886, p. XX-XXVI).

Por fim, Reginald Scot explica a seus leitores que ele não nega a existência de bruxas, ele apenas discorda das opiniões e atos daqueles que insistem em atribuir ao feitio de uma bruxa, todos os fenômenos e milagres que somente Deus poderia operar. A partir disso, Scot argumenta que tais comportamentos e crenças, podem ser considerados uma forma de idolatria, por parte daqueles que ele pejorativamente nomeia de papistas, ou seja, os Católicos Romanos (SCOT, 1886, p. XX-XXVI).

A obra foi referenciada e defendida por outros autores, no decorrer do século XVI e XVII. Dentre os quais podem ser citados Thomas Ady (1606-1704), um médico inglês e autor de dois livros céticos sobre caça às bruxas, e John Webster (1580-1634), um dramaturgo inglês. Além deles, podemos citar William Shakespeare (1564-1616), mas diferentemente dos anteriores, ele não deixou seu posicionamento muito claro, apenas se inspirou nas descrições de Scot para elaborar suas representações das bruxas, em *Macbeth* (ALMOND, 2011, p. 3).

Apesar disso, a maioria dos demonologistas ingleses não simpatizaram com o ponto de vista exposto em *Discoverie of Witchcraft*. Em *A Discourse of the Subtill Practises of Devilles by Witches and Sorcerers* (1587), George Gifford propôs “uma resposta aos argumentos inconstantes daqueles que tentaram provar que demônios não fizeram aparições em qualquer forma corporal”, mirando claramente em Scot. Além dele, Henry Holland, em *Treatise Against Witchcraft* (1590), também direcionou algumas críticas ao conteúdo do livro (*apud* DAVIS, 2013, p. 383). William Perkins, em 1608, contestou a natureza divina<sup>22</sup> e não demoníaca, dos poderes das bruxas, também proposta por Reginald Scot. John Cotta, por sua vez, em *The Triall of Witchcraft* (1616), acusou Scot de confundir as bruxas, um perigo genuíno, com farsantes/charlatões e/ou impostores (ALMOND, 2011, p. 3-4). Apesar disso, afirmou que *Discoverie of Witchcraft* era uma boa fonte para a identificação de fraudes mágicas (DAVIS, 2013, p. 384). Thomas Cooper, por sua vez, acusou Reginald Scot

---

<sup>22</sup> Esse ponto de vista afirma que os poderes das bruxas não foram concedidos pelo Diabo, mas sim por Deus. À primeira vista, parece algo que não faz sentido, mas ao considerarmos o *Malleus Maleficarum*, uma das obras também criticadas por Scot, essa perspectiva faz sentido. Os autores do Martelo, defendem que foi Deus quem permitiu que o Diabo concedesse poderes às bruxas, portanto, se Ele permitiu, o poder inicial não seria Dele? Logo, Scot estaria parcialmente correto, ao considerar a própria literatura da época. Apesar disso, devemos ler a obra de Gifford em sua totalidade para compreendermos o contexto. Até o momento, isso não foi possível.

de ateísmo<sup>23</sup>, devido ao conteúdo da obra (DAVIS, 2013, p. 383). Por fim, Richard Bernard, em *Guide to Grand-Ivry* (1627), criticou o tratado, mesmo utilizando-o como uma fonte sobre truques mágicos (DAVIS, 2013, p. 384).

Além deles, o rei James VI, da Escócia, foi aquele que mais repreendeu Reginald Scot, por considerá-lo um dos maiores instigadores do ceticismo sobre a bruxaria. James I teria se referido ao autor de *Discoverie of Witchcraft*, como sendo um “cavalheiro inglês que não se envergonha em publicar uma contestação de algo como a bruxaria, mantendo, portanto, o mesmo erro dos saduceus, o de negar espíritos” (ALMOND, 2011, p. 1, tradução nossa). Ademais, há uma tradição, na qual acredita-se que ao ascender ao trono, o rei teria mandado coletar e queimar todas as cópias de *Discoverie of Witchcraft*, devido ao seu conteúdo cético (ALMOND, 2011, p. 8; DAVIS, 2013, p. 383). Apesar disso, não há evidências que comprovem tal fato, além de que cópias das primeiras edições do livro não são raras (DAVIS, 2013, p. 384).

Outro episódio referente a queima do livro, mas por motivações diferentes, pode ser lembrado. Após Ann Watts, uma vidente de Londres, ter sido denunciada, o juiz de Essex Sir. William Holcroft, ordenou a queima de todos os livros encontrados sob a posse dela, pois acreditou tratar-se de fontes para os feitiços, truques e conjurações. Entre os títulos, estavam dois trabalhos do mago Cornelius Agrippa, além de outros textos mágicos e uma edição de *Discoverie of Witchcraft* (ALMOND, 2011, p. 7-8).

Nesse último caso, há possibilidade de o livro ter sido queimado apenas por ser um dos materiais de Ann, ou pode ter sido confundido com algum outro título. Apesar disso, o interessante aqui, é perceber um possível “efeito rebote”. Mesmo Reginald Scot defendendo a impossibilidade da bruxaria, nos moldes católicos, e de questões mágicas, sua obra pode ter beneficiado exatamente aqueles indivíduos que ele desejou denunciar como farsantes. Acreditamos que isso foi possível, pois a forma como os “truques de prestidigitação” foram desconstruídos e explicados, principalmente no livro treze, podem ter contribuído para que o livro fosse encarado como um instrumento de aperfeiçoamento para aqueles que Scot chamava de charlatões.

---

<sup>23</sup> Sobre ateísmo no século XVI ver: FEBVRE, L. O problema da Incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais. Editora Companhia das Letras, 2009.

Por fim, nas duas situações, o livro foi considerado herético, de certa forma. Na primeira, simplesmente pela recusa do autor a acreditar na bruxaria<sup>24</sup>. Já na segunda, poderia ter sido queimado, por supostamente contribuir com a propagação da bruxaria. Isso ocorreu, pois o contexto de publicação e circulação de *Discoverie* é basicamente um momento de polarização e transição de ideias, que foram responsáveis por inúmeras transformações, e, portanto, na concepção da bruxaria.

### 2.2.2 As Críticas e Considerações de Reginald Scot

As bruxas, geralmente representadas como velhas mancas, com olhos turvos, pálidas e cheia de rugas, pobres e supersticiosas, eram aquelas pessoas odiadas em sua vizinhança, pois, através da submissão ao Diabo, podiam promover quais quer adversidades que desejassem (SCOT, 1886;1584). Seus atos podiam variar, tudo dependeria do caráter do seu “ofício”: algumas bruxas podiam machucar e não curar, outras, apenas curavam e não machucavam, além delas, havia aquelas que poderiam realizar atos prejudiciais e auxiliar a seu bel prazer (KRAMER; SPRENGER *apud* SCOT, 1886; 1584, p. 7). No geral, os atos que mais estiveram relacionados à bruxaria eram o adoecimento e cura de pessoas e seus animais (gado, principalmente), a transubstanciação de demônios em formas de animais – seus familiares –, o vôo noturno e a habilidade em trazer clima prejudicial às plantações. Esses e outros aspectos foram disseminados por autores como como Sprenger e Institoris, Bodin (SCOT, 1886;1584).

Diante das inúmeras descrições sobre a bruxaria, Scot percebeu que não havia concordância entre as ideias apresentadas pelos autores. Para ele, o único ponto comum que sustentavam, eram os atos de crueldade, que continuavam sendo aceitos e reproduzidos pelos “papistas” (SCOT, 1886;1584). Diante disso, em seu segundo livro, Scot apresentou toda uma argumentação relacionada às questões jurídicas do crime de bruxaria defendido pelos demonologistas e católicos, juntamente com suas refutações (SCOT, 1886, p. 15-30).

A partir disso, Reginald Scot, que era protestante (1886, p. 387), ousou confrontar essas crenças e construções. Além disso, ao creditar às bruxas e ao Diabo, fenômenos que poderiam ser justificadas somente a partir dos poderes de Deus,

---

<sup>24</sup> Na perspectiva dos autores do *Malleus Maleficarum*, não crer na bruxaria era um sinal de heresia.

tornava os *witchmongers* e os papistas, verdadeiros blasfemadores e idólatras, pois ao crer na bruxaria, eles passariam sua confiança em Deus para a bruxas, na percepção do autor (SCOT, 1886;1584).

Mas certamente, não é uma bruxa, nem um demônio, mas um Deus glorioso que faz o trovão. Li nas escrituras que Deus faz as tempestades e os redemoinhos ruidosos: e descobri que é senhor que lida com eles, e que eles sopram de acordo com a sua vontade (SCOT, 1886;1584, p.1, tradução nossa).

Mas se todos os demônios do inferno estivessem mortos, e todas as bruxas da *Inglaterra* fossem queimadas ou enforcadas; Eu garanto que não devemos deixar de ter chuva, granizo e tempestades, como agora temos: de acordo com a designação e vontade de Deus [...] (SCOT, 1886;1584, p.1, tradução nossa).

Ademais, a impossibilidade de repetição dos atos de bruxas ou do diabo, já demonstraria, segundo o autor, uma falha na onipotência tão defendida e disseminada pelos católicos. Em suas palavras

Se as bruxas pudessem fazer quaisquer coisas milagrosas, como estas e outras que lhes são imputadas, elas poderiam fazê-las repetidamente, em qualquer hora ou lugar, ou no desejo de qualquer homem: pois o diabo é tão forte em um momento quanto em outro, tão ocupado de dia quanto de noite, e pronto o suficiente para fazer todo mal, e não se importa com quem ele abusa. (SCOT, 1886; p. 10, tradução nossa).

Para ele, a concepção de bruxaria demonológica, era passível de contestação, pois em nenhum momento, se fez presente nas Sagradas Escrituras. Acreditamos que para ele, as possíveis referências a bruxaria, eram resultado da transladação do sentido de termos hebraicos que tiveram seus significados expressos através da palavra bruxaria ou bruxa, no idioma inglês. Defendemos tal perspectiva, pois, em certo momento, Scot expõe que na Inglaterra, naquele momento, era indiferente chamar uma mulher de bruxa ou sábia. Apesar dos significados distintos, a palavra usada era aparentemente a mesma (SCOT, 1886, p. 88). No caso dos termos hebraicos, poderia ter ocorrido a mesma coisa.

Os termos são *Chasaph* e *Veneficium* (latim), que fazem referência a arte do envenenamento; *ob*, *kasam* e *lidoni*, sendo a primeira ligada às práticas de oráculos, enquanto a segunda, remete ao ato de profetizar, ao passo que a terceira, foi traduzida como “adivinho”. *Habar*, por sua vez, nomeia as práticas antigas de encantamentos (SCOT, 1886).



Por meio do estudo do sentido de *Hartumin*, que Scot explica que certas ações entendidas como expressão de bruxaria pelos católicos, foram resultados de causas naturais ou por truques fraudulentos (SCOT, 1886; MÉNDEZ, 2012, p. 18). Apesar de ser perceptível durante toda a obra, é a partir desse momento que fica muito claro que o aspecto original do livro, se refere ao fato de Scot desenvolver uma visão sobre um Deus, que após criar o mundo material, optou por intervir cada vez menos em sua criação, uma vez que, sua criação foi perfeita e seguia conforme o planejamento divino (MÉNDEZ, 2012, p.4). Ademais, foi a partir desse termo, que Scot expôs a arte dos prestidigitadores, que costumavam impressionar com truques rápidos. Para ele, os especialistas nessas artes, são muito mais astutos do que aqueles que recebiam os títulos de bruxas ou magos, pois a partir de sua arte, tentavam ter alguma vantagem, fosse por bens materiais ou apenas prestígio. Devido a isso, o autor se comprometeu a desvendar e expor toda essa arte, para que tais ações não fossem mais toleráveis, e nem o nome de Deus usado nessas questões (SCOT, 1886, p. 263). Por fim, investigou a palavra *Nahas*, que tratava da arte do augúrio, presságio ou pressentimento sobre situações que estão por vir, através da interpretação das vísceras de animais, que eram sacrificados.

É nessa temática sacrifícios e transubstanciações que Scot decide criticar ferrenhamente os católicos. A Eucaristia foi um dos maiores pontos de distanciamento entre católicos e protestante, desde o início da Reforma protestante. Com isso, Scot não compreendeu ou aceitou a percepção de que o pão e vinho são transformados em corpo e sangue de Cristo, durante o ritual da comunhão católico. Enfatizamos aqui, que o autor não recusou a eucaristia, mas sim o caráter de transformação dos elementos presentes (MÉNDEZ, 2015, online).

Apesar da crítica ao catolicismo ser o aspecto central na obra de Scot, não nos propomos a analisá-lo de forma aprofundada, pois nosso foco aqui, são as representações sobre a bruxaria. Dessa forma, como demonstra o capítulo a seguir, nossa análise almejou investigar as rupturas e permanências na concepção da ideia de bruxaria e seus agentes.

### CAPÍTULO 3 DAS DESCOBERTAS A PARTIR DA BRUXARIA

*A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.*

(Arthur Schopenhauer)

Visando ampliar o que já vem sendo estudado e construído a respeito de Reginald Scot e sua argumentação em *Discoverie of Witchcraft*, decidimos aplicar uma metodologia pouco explorada até então. Dessa forma, nesse capítulo, estão expostas o passo-a-passo da aplicação do método, assim como a análise final dos dados coletados.

#### 3.1 O MAPEAMENTO DOS QUATORZE SISTEMAS

Para mapear a relação dos quatorze aspectos da sociedade, com o fenômeno da bruxaria, assim como as metas e dinâmicas, todo o conteúdo de *Discoverie of Witchcraft*, foi inserido no software *Taguette*. A partir dele, fomos sinalizando no texto, com grifos e *tags*, que foram nomeadas de acordo com os títulos dados aos 14 subsistemas, por Waldemar de Gregori (1988). Apesar das *tags* levarem o mesmo nome e descrição sugeridos pelo autor, em alguns momentos, sentimos a necessidade de realizar pequenas adaptações. Com isso, demonstraremos, a seguir, o que foi considerado em cada trecho ao realizarmos a classificação de cada item nos sistemas.

**a) S1. Parentesco:** é composto, pelas relações que se referem a perpetuação da espécie (GREGORI, 1988, p. 85-88). Além disso, relações familiares, que abrangem casamentos, pais e filhos, parentes, ou seja, relações de afinidade, hereditárias e consanguíneas, foram inseridos nesse sistema.

Em relação aos possíveis adultérios, esses foram melhor alocados no sistema de lealdade (S-04).

**b) S2. Sanitário:** é o responsável pela integridade dos indivíduos, através da tecnologia de suas épocas (GREGORI, 1988, p. 88-89). Com isso, agregamos a ele,

as práticas de curandeirismo creditadas à bruxaria, assim como a cura divina e as próprias doenças assim apontadas na obra.

**c) S3. Manutenção:** abrange produtos prontos para o consumo, como alimentos e vestuário (GREGORI, 1988, p. 89-90). Ademais, trechos que sugerem que as supostas bruxas cometiam atos, visando sua sobrevivência ou às suas necessidades primárias, foram aqui inseridos.

**d) S4. Lealdade:** formado pelas relações que presumem fidelidade aos compromissos assumidos, ou seja, ou seja, relações de amizades, cumplicidade, romances e alianças (GREGORI, 1988, p. 90-91).

**e) S5. Lazer:** De acordo com Gregori, (1988, p. 92-93), não se trata especificamente do tempo livre, mas sim, do tempo reservado às atividades do interesse daquele que programou (indivíduo, poder civil ou religioso).

A partir dessa definição, não encontramos muitas passagens relacionadas a esse sistema. Com isso, vinculamos a ele, aspectos da própria vida pessoal de Scot, como seu gosto pelo cultivo de lúpulo, assim como a prática de leitura e a elaboração de seus dois livros.

**f) S6. Viário:** engloba tudo aquilo que é passível de circulação, ou seja, passageiros, condutores, comunicadores e receptores (GREGORI, 1988, p. 93). No que se refere as informações, consideramos aqui, as disseminadas de forma escrita ou oral. Levamos em conta também, a importação das ideias e livros lidos pelo Scot, assim como as menções sobre fatos e situações ocorridas, mas não presenciadas pelo narrador.

**g) S7. Pedagógico:** abrange todas as formas de aprendizado, desde a educação informação, até a formação acadêmica (GREGORI, 1988, p. 93). Com isso, para compor esse sistema, consideramos o fato de Reginald Scot ter frequentado um ambiente acadêmico, as citações e críticas sobre os títulos lidos, a questão da erudição de demonologistas e “papistas” em contraste com a realizada de daqueles acusados de bruxaria.

**h) S8. Patrimonial:** aqui estão alocadas questões relacionadas a compra, custeio, proprietários, banqueiros (GREGORI, 1988, p. 94-95). Apesar disso, sentimos a necessidade de inserir também, aspectos relacionados a prestação de serviço.

**i) S9. Extra-agri-ind-art:** Gregori (1988, p. 96-97) insere aqui, todos os aspectos relacionados a “extrativistas, agricultores, artistas e questões industriais”. Dessa forma, para esse sistema, consideramos toda a questão agrícola, que poderia receber interferência pela bruxaria.

**j) S10. Religioso:** responsável pelos sistemas de crenças, práticas e rituais, tanto institucionais (GREGORI, 1988, p. 98-99), como também populares. Crenças ligadas a bruxaria, questões relacionadas aos demônios, as críticas às práticas católicas, assim como a bíblia sendo usada como principal fonte de argumentação de Scot, além de Cristo ser creditado como maior exemplo cristão, foram aqui vinculados.

**k) S11.Segurança:** Gregori (1988, p. 99-100) insere aqui as forças armadas, a polícia, e vigias. Compreendemos, portanto, que deveriam ser inseridos aqui, todas as informações referentes a confrontos, assim como atos que visassem a tranquilidade de tensões.

**l) S12. Político-Administrativo:** Gregori (1988, p. 101-103) coloca aqui, todos os elementos referentes a organização humana em “estados, municípios, tribos, clãs, etc. Dessa forma, aspectos sobre governantes, administradores, chefias, lideranças e subordinados, foram aqui alocados.

**m) S13. Jurídico:** foram considerados aqui tudo o que foi relacionado a advogados, juízes, tribunais, leis e códigos (GREGORI, 1988, p. 103-104). Com isso, tudo que fazia referência ao sistema inquisitorial e criminalização da bruxaria, foi inserido aqui.

**n) S14. Precedência:** se refere aos exemplos a serem seguidos, ou seja, é composto por celebridades e canonizadores (GREGORI, 1988, p. 105-108 ). Em suma, foram alocados praticamente todos os pontos de defesa de Scot, pois como protestante, utiliza-se das Escrituras Sagradas como uma regra de fé, além de citar Cristo como exemplo em vários momentos.

Após esse processo de classificação da obra no *Taguette*, foi possível verificar os sistemas que foram mapeados em cada um dos dezesseis livros, que serão analisados a seguir.

### 3.2 O QUE OS DADOS REVELAM

A partir da exportação dos dados, conseguimos exemplificar a tabela 2, que demonstra, de forma quantitativa, o número total de destaques relacionados a cada sistema.

TABELA 2. Relação do conteúdo da obra classificado e inseridos nos 14 subsistemas.

Sistemas	Número de entradas
S1. Parentesco	43
S2. Sanitário	104
S3. Manutenção	13
S4. Lealdade	92
S5. Lazer	4
S6. Viário	559
S7. Pedagógico	66
S8. Patrimonial	41
S9. Extra-Agri-Ind-Art	30
S10. Religioso	848
S11. Segurança	12
S12. Político-Administrativo	102
S13. Jurídico	134
S14. Precedência	154

Fonte: elaborada pela autora

O caráter religioso presente em *Descoberta da Bruxaria*, é incontestável. Logo, não ficamos surpresos, quando o “S10. Religioso”, apresentou o maior número de informações “taguadas”. Ele marca presença em todos os dezesseis livros, como demonstra o “apêndice b”.

O posicionamento expresso em *Discoverie of Witchcraft*, nada mais é do que um reflexo do que estava ocorrendo na Inglaterra. A obra foi elaborada e publicada durante o reinado de Elizabeth I, a quem foi creditada a instauração do Anglicanismo como religião oficial da Inglaterra (MULZA, 2018, p. 319). Como já sabemos, foi nesse momento que os aspectos identitários de “ser inglês” e “ser protestantes”, foram vinculados. Dessa forma, o ataque ao papismo promovido por Scot, pode ser interpretado, como um movimento de diferenciação entre católicos e protestantes, pois para o autor, ser católico implicava também, na aceitação e disseminação de uma

perseguição de um crime de caráter imaginário (MÉNDEZ, 2015). Com isso, o protestantismo militante de Reginald Scot pode ser verificado a partir dessas críticas à postura católica ou ainda, aos “idólatras”, assim como o conjunto de suas práticas e crenças, que pareciam ser utilizadas para justificar os atos dos “papistas”

Assim, são luxúrias cobertas com o manto de *Incubus* e feitiçaria, contrárias à natureza e à verdade: e com essas fábulas é mantida uma opinião de que os homens foram gerados sem cópula carnal (como Hyperius e outros escrevem que Merlin 56 era, An. 440 ). especialmente para desculpar e manter as patifes e luxúrias de padres ociosos e monges obscenos; e para cobrir a vergonha de seus amantes e concubinas (SCOT, 1886, p. 67, tradução nossa).

Foi a partir desse cenário, resultado da apresentação dos aspectos católicos, somados às críticas do autor, que a grande quantidade de dados, no sistema “S10. Religioso”, pode ser compreendida. Além disso, vinculado a ele, está o sistema “S14. Procedência”, em que foram averiguados todos os argumentos elaborados por Reginald Scot, os quais tiveram como base as Sagradas Escrituras ou os próprios exemplos de Cristo, e por isso, foram colocados nesse sistema.

[...] E que nem ele [Cristo], nem Moisés jamais falaram a ninguém sobre a barganha da bruxa com o diabo, suas bruxarias, suas cavalgadas no ar, sua transferência de milho ou grama de um campo para outro, sobre ferimento de crianças ou gado com palavras ou encantos , seu encantamento de manteiga, queijo, cerveja, etc: nem ainda sua transubstanciação; na medida em que os escritores não se envergonham de dizer que não é absurdo afirmar que não havia bruxas no tempo de Job. A razão é que, se existissem tais bruxas, Jó teria dito que havia sido enfeitado. Mas, de fato, os homens naqueles dias não davam atenção a isso (SCOT, 1886, p. 15-16, tradução nossa).

Acreditamos que os aspectos referentes a construção e divulgação das ideias de Scot, estariam melhor alocados no “S6. Viário”. Isso é passível de sustentação, pois vinculada ao livro, há uma epístola específica direcionada aos leitores, que nos leva a crer que ele escreveu o livro visando divulgação e circulação (SCOT, 1886, p. 20-26). Além disso, para elaborar sua própria argumentação, Scot teria que tomar contato com as informações vindas dos mais variados locais e contextos. Dessa forma, todos os livros elaborados por “papistas” ou outros autores, fábulas e informações referentes a localização e importação de aspectos culturais, como a dança “La volta”, mencionada na crença de sabás, foram inseridas nesse sistema (SCOT, 1886, p.32-33).

Antes de expor suas críticas, Scot faz questão de apresentar aos seus leitores, todos os aspectos de seus “adversários”, e devido a isso, a mesma justificativa aos

números de entradas cabe aqui. Dessa forma, conseguimos interpretar a posição do “S13. Jurídico”, da mesma forma como explicamos o “S10. Religioso”. Apesar disso, é importante ressaltar que a temática da criminalização da bruxaria pelos católicos, foi abordada de forma muito específica no segundo livro, que tratou das testemunhas aceitas, acusações suposições e provas contra as supostas bruxas (SCOT, 1886, p. 15-30). Além dele, foram feitos destaques sobre esse assunto no quarto livro. Por fim, ressaltamos que para Scot, as bruxas deveriam ser condenadas pelos seus atos, e não por um possível caráter demonológico. Dessa forma, o autor nos trouxe um caminho para compreender aspectos referentes as leis inglesas promulgadas no governo de Henrique VIII e Elizabeth I. Com isso, além do que já mencionados, tivemos vinculados a esse sistema, os “S12. Político-Administrativo” e o “S7. Pedagógico”.

Ao observarmos o conteúdo alocado ao sistema “S2. Sanitário”, notamos que Scot tentou desvincular aspectos relacionados a integridade da saúde à noção de feitiçaria ou encantamentos. Exemplos disso, podem ser observados nas argumentações dos livros três e quatro, nos quais ele associou os *Incubus* a doença “*the mare*”<sup>25</sup>, e ao humor melancólico, creditar as confissões de bruxaria (SCOT, 1886, p. 31-70).

Mas na verdade, este *Incubus* é uma doença corporal (como foi dito), embora se estenda até o problema da mente: qual de alguns é chamada pesadelo [*the mare*], oprimindo muitos em seu sono tão doloridos, que eles não são capazes de chamar pedir ajuda, ou agitar-se sob o peso daquele humor pesado, que é engendrado de um vapor espesso proveniente da crueza e crueza do estômago: que ascendendo à cabeça oprime o cérebro, na medida em que muitos ficam muito enfraquecidos por isso. , como sendo assombrado todas as noites com ele. Eles estão mais preocupados com esta doença, que estando sujeitas a ela, ficam para cima: de modo que, virar e deitar de um lado, é o remédio presente. Da mesma forma, se alguém ouvir o grunhido da parte, fale com ele, para que ele o acorde, ele está imediatamente aliviado. No entanto, existem curas mágicas para isso[...] (SCOT, 1886, p. 68, tradução nossa).

Se for voluntário [a confissão], muitas circunstâncias devem ser consideradas, a saber; se ela não se atreve a derrubar o vizinho, o que muitas vezes acontece por meio de seu humor melancólico maculado e malicioso: então; seja com o mesmo humor melancólico e humor frenético, ela não deseja o resumo de seus próprios dias (SCOT, 1886, p. 38, tradução nossa).

Mas na verdade, esse humor melancólico (como afirmam os melhores médicos 67) é a causa de todas as suas confissões estranhas, impossíveis e incríveis:/ que são tão carinhosas, que me 68pergunto como alguém pode ser abusado por isso (SCOT, 1886, p. 45, tradução nossa).

---

<sup>25</sup> Citada apenas como “the-mare”. Apesar disso, devido as descrições, acabamos por concluir que se tratava da *night-mare*, ou doença do pesadelo.

Destacamos também, que a própria luxúria desenfreada pode ser considerado como uma “doença”, pois de acordo como autor, para ela, sujeitos buscavam algum tipo de cura (SCOT, 1886). Com isso, esse sistema manteve vínculo maior como “S10. Religioso” e o “S6. Viário”

A respeito dos números referentes ao “S12. Político-Administrativo”, o que nos impressiona é o fato desse sistema não ocupar o segundo lugar na tabela 2, quantitativamente falando, pois como vimos, o aspecto político estava diretamente vinculado ao religioso, ou ainda “S10. Religioso”, nesse contexto. Aqui, todas as informações sobre a organização da Inglaterra, do Protestantismo e da Igreja Católica foram inseridos. Um exemplo disso, é a citação, na qual Scot escreve que na Inglaterra é diferente, pois lá não estão mais sob as leis papais (SCOT, 1886, p. 13).

Em “S4. Lealdade”, percebemos um conteúdo muito mais diversificado, pois abrangeu desde a relação de Deus com os homens, e vice versa, principalmente através da Bíblia, assim como as relações entre seres humanos que vivem em sociedade, além das relações entre pessoais carnis, as bruxas, e seres espirituais, os demônios. Sendo que essa última, foi melhor explorada no quarto livro, e com isso, foi possível verificar que tal relação algo inconcebível na visão do autor (SCOT, 1886, p. 58-70). A nível de exemplificação, podemos citar relação da confiança dos protestantes na palavra de Deus, assim como a questão do pacto diabólico, que sustenta a concepção de bruxaria (SCOT, 1886, p. 31-32).

Eles são a sua fé ao diabo, e eles o adoram e oferecem sacrifício a ele [...].  
 Eles juram solenemente e prometem toda a sua descendência ao diabo [...].  
 Eles sacrificam seus próprios filhos ao diabo antes do batismo, segurando-os no ar para ele[...].  
 [...] Eles juram pelo nome do diabo (SCOT, 1886, p. 25-26, tradução nossa).

Além disso, esse sistema apresentou vínculo com o “S1. Parentesco”, ao abordar o sacrifício de crianças realizados durante os “sabás”, muitas vezes, sendo realizadas por suas próprias mães. Ademais, há relatos de denúncias que maridos faziam contra suas próprias esposas. Todo esse conteúdo, em sua maioria pode ser verificado no terceiro livro (SCOT, 1886, p. 31-57) Por fim, esteve vinculado também, ao “S8. Patrimonial”, pois Scot traz relatos de inquisidores que chantageavam supostas bruxas, em troca de seu silêncio, assim como relatos sobre indivíduos que se utilizavam de suas habilidades para conseguir vantagens, como os prestidigitadores e os alquimistas (SCOT, 1886).



O sistema “S8. Pedagógico”, como já mencionamos, foi composto basicamente por aspectos particulares do aprendizado de nosso autor. Apesar disso, esse sistema, assim como todos os outros treze, manteve ligação com o “S10. Religioso”, e dessa relação, gostaríamos de destacar a informação de que as bruxas aprendiam a fazer os seus unguentos através de “aulas presenciais”, com o Diabo, durante seus encontros noturnos (SCOT, 1886, p. 31).

Alocados ao “S11. Extra-agri-ind-art”, estão todas as informações sobre Os aspectos agrícolas da Europa. Com isso, percebemos que devido a crença de que bruxas poderiam trazer climas desfavoráveis, tempestades e transferir grãos recém colhidos do vizinho para si, além da capacidade de adoecer ou matar animais como gado e porcos, esse sistema, está estritamente vinculado ao S10. Religioso”. Ligado a ele, mas de forma indireta, esteve também, o “S3. Manutenção”, na qual esteve presente, passagens que creditavam a bruxaria, atos de mulheres que tiveram suas necessidades recusadas por seus vizinhos (SCOT, 1886, p. 6).

Apesar do sistema “S13. Segurança”, aparecer em menor escala, devido as poucas insinuações de conflitos, particularmente, o consideramos com uma importância notável. Ao considerarmos um dos objetivos da escrita de Scot, que era o de confrontar aspectos do catolicismo, esse sistema deveria estar compondo a tríade principal. Entretanto, o que vemos aqui, foi um dos menores números de “tags”, mapeados dentre todos os quatorze subsistemas.

E por fim, o “S5. Lazer”, que pudemos apenas verificar a sua vinculação aos aspectos da vida particular do autor, e a própria escrita da obra.

Dessas informações percebemos que a grande maioria, que sustentam ou problematizam a crença e punição da bruxaria, estão distribuídas em metas individuais, seguidas das grupais, e por fim, das societárias.

As metas individuais estiveram vinculadas àqueles atos em que o sujeito buscou, através de suas práticas, algum tipo de bonificação, seja por bem material, prestígios, glória ou fama. Dessa forma, truques de prestidigitação, arte da alquimia, e a própria bruxaria, quando sinalizados por Scot, que foram utilizados para esse fim, foram considerados como uma meta individual.

Por sua vez, a condenação da bruxaria, assim como a elaboração de tratados demonológicos, por parte dos católicos, foi inserida nas metas grupais, pois compreendemos que tais ações visavam a manutenção do poder simbólico dos católicos. Ademais, a própria publicação de *Discoverie of Witchcraft*, também pode

ser considerada, pois, em muitos momentos, fica claro a oposição ao papismo de Scot. Logo, essa argumentação protestante contrastando ao católico, também pode ser alocada as metas societárias, por visarem o bem de uma nação, por exemplo, que era aquilo que Scot tentava promover. Por fim, o desejo em mostrar suas perspectivas, torna uma meta individual do próprio autor.

### 3.3 DAS RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Embora a noção de bruxaria ainda se manter vinculada ao aspecto religioso, *Discoverie of Witchcraft*, demonstra novos pontos de vista sobre a temática. Notamos que uma das principais contribuições principais do autor, nesse setor, se baseia no fato de ele não tentar explicar os fenômenos do cotidiano utilizando-se da bruxaria, como faziam os demonologistas e os “papistas”. Ao contrário deles, Scot buscou sugerir e construir explicações plausíveis, a partir de suas experiências (leituras e vivências), de forma racional e “mundana”, e sem qualquer interferência divina ou sobrenatural.

Essa ruptura no entendimento de bruxaria, só foi possível pois Scot era um inglês, e portanto, protestante, e devido a isso, teve a oportunidade de ter contato com uma percepção diferenciada da Igreja Católica. Com isso, ao ter passado sua vida em um território, no qual ser protestante era sinônimo de ser inglês, Scot dificilmente poderia ter tomado outro posicionamento.

Independente disso, podemos apontar para um movimento parcial de continuidade, ao nos voltarmos as representações das bruxas. Poucos são os momentos em que o autor dedica ao questionamento das características físicas representadas e estereotipadas pelos “papistas”. Mesmo com ironia, ele acaba reproduzindo os elementos utilizados pelos católicos: “mulheres ignorantes”, “velhas” e “desdentadas”. O único questionamento, aqui se refere ao fato do Diabo realmente precisar utilizar bruxas, esses instrumentos, tão decadente (SCOT, 1886, p.10).

Por fim, para sintetizar tudo o que trouxemos até aqui, relembramos que Scot não nega a existência de bruxas, apenas os atos que são a elas imputados (SCOT, 1886).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do método aplicado, percebemos que ele foi bastante efetivo em alguns momentos, e em outros, nem tanto. Engana-se aquele que crê que inserir sua problemática em determinada metodologia, resultará em uma pesquisa. Na verdade, a metodologia é somente um apoio para que seja possível realizarmos nossas análises. Dessa forma, consideramos a utilização do hológrafo válida, mas não de forma isolada, pois no caso de nosso trabalho, se tivéssemos assim seguido, teríamos perdido uma série de aspectos importantes na compreensão da obra de Reginald Scot. Esse fato, foi muito bem exemplificado, quando abordamos sobre o sistema “S13. Segurança”, que quantitativamente nos mostrou uma porção de números pequena, mas que ao verificar o contexto, percebemos que as informações que deveriam estar ali, era encontradas de forma sutil, em toda a construção do texto, e do próprio ator enquanto sujeito.

Talvez o instrumento seja melhor aproveitado em outras ciências, pois a metodologia sugere a análise de aspectos como contexto histórico e geográfico, assim como personagens e procedimentos, os quais são considerados básicos para o ofício do historiador.

Sobre Reginald Scot e sua obra *Discoverie of Witchcraft*, reforçamos que ambos foram produtos de seu contexto e auxiliaram na transformação do mesmo.

Esses foram alguns dos aspectos que consideramos pertinentes reforçar. Esperamos que a partir de leitura e reflexões acerca de nosso trabalho, novas pesquisas sejam elaboradas e se possível, discutam, concordem ou nos corrijam.

## REFERÊNCIAS

ALMOND, Philip C. **England's First Demonologist: Reginald Scot and 'The Discoverie of Witchcraft'**. Nova York: Bloomsbury Publishing, 2011.

ANDRADE, Solange R. História das Religiões e das Religiosidades: uma breve introdução. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (org.). **(Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 11-31.

ANJOS, Crislayne Fátima dos. O Malleus Maleficarum e o pensamento inquisitorial: O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição e suas conexões com o cotidiano e cultura de uma época (século XV). **Mosaico**, v. 7, n. 11, p. 206-219, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64784>. Acesso em: 15 set. 2020.

A PROJECT Gutenberg EBook. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/60766/60766-h/60766-h.htm> . Acesso em: 03 jan. 2021

A SHORT History of the Long S. Disponível em: <https://www.grammarly.com/blog/history-of-long-s>. Acesso em: 22 out. 2020.

BAILEY, Nathan. **An Universal Etymological English Dictionary: Comprehending the Derivation of the Generality of Words in the English Tongue, Either Ancient Or Modern... And Also a Brief and Clear Explication of All Difficult Words... Also a Collection of Our Most Common Proverbs... A New Edition, Being the Twenty-fifth... By N. Bailey**. Edimburgo: Neill. Sold by J. Bell, C. Elliot, and the other booksellers, 1783.

BRANCA de Neve e os Sete Anões. Direção: David Hand. Estados Unidos: Walt Disney, 1937 (83 min.), son, color.

BRUXARIA. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=YxaL>. Acesso em: 22 out. 2020

CARDINI, Franco. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicologia USP**, v. 7, n. 1-2, p. 9-16, 1996. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v7n1-2/a01v7n12.pdf](https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v7n1-2/a01v7n12.pdf). Acesso em: 01 de maio de 2020.

CARVALHO, Salo de. Revisita à desconstrução do modelo jurídico inquisitorial. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, v. 42, n.0. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v42i0.5183>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CHAPTER One: October Country. In: **Chilling Adventures of Sabrina** [seriado]. Direção: Lee Toland Krieger. Produção: Craig Forrest, Ryan Lindenber, Matthew Barry. Estados Unidos: Warner Bros. Television, 2018 (49-60 min.), son., color.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2.ed. São Paulo: Difel, 2002.

DAVIS, S. F. The Reception of Reginald Scot's Discovery of Witchcraft: Witchcraft, Magic, and Radical Religion. **Journal of the History of Ideas**, v. 74, n. 3, julho de 2013, p. 381-401. Disponível em: 10.1353/jhi.2013.0021. Acesso em: 30 abr. 2021.

DENIPOTI, Cláudio; PEREIRA, Magnus R. M. Feitiçaria e iluminismo: traduções e estratégias editoriais em Portugal no Século XVIII. **Revista Maracanan**, v. 10, n. 10, 2014. p. 48-63. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/revmar.2014.13749>. Acesso em: 24 out. 2019.

EDWARDS, John. El papel del papa Paulo IV en el fracaso de la restauración católica de Inglaterra, 1553-1558. **Tiempos Modernos: Revista electrónica de Historia Moderna**, v. 9, n. 37, 2018. p. 387-409. Disponível em: <http://www.tiemposmodernos.org/tm3/index.php/tm/article/view/5077/803>. Acesso em: 03 jul. 2021.

ENGYES. Disponível em: <http://www.engyes.com/>. Acesso em: 20/01/2021a.

ENGYES. Disponível em: <https://www.engyes.com/pt/dictionary/word/cozener>. Acesso em: 20/01/2021b.

ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. **Textura – Revista de Educação e Letras**, Canoas, v.5, n. 9, 2004. p. 49-56. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/701/522>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FEBVRE, L. **O problema da Incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. Editora São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEITIÇARIA. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?i d= B0AV>. Acesso em: 22 out. 2020.

FERREIRA, Franklin. O movimento puritano e João Calvino. **Fides Reformata**, v. 4, n. 1, 1999. p. 27-40. Disponível em: [Movimento\\_Puritano-with-cover-page-v2.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](http://www.movimentopuritano.org.br/revista/1999/1/27-40.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. Representação: a idéia, a palavra, a coisa. In: **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85-103.

GLOSSARY. Disponível em: <http://www.shakespeareswords.com/Public/Glossary.aspx>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GONÇALVES, Bruno Galeano de Oliveira. Montando o mosaico diabólico: a idéia da bruxa moderna nos reinos de Espanha e Inglaterra (1580-1612). In: XIX Encontro

Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: ANPUH, 2008.

Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Bruno%20Galeano%20de%20Oliveira%20Goncalves.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

GREGORI, W. Hológrafo social. In: **Cibernética Social I**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 72-184.

HARRY Potter e a Pedra Filosofal. Direção: Chris Columbus. Reino Unido/Estados Unidos: Warner Bros Pictures, 2001 (152 min.), son, color.

JOÃO e Maria [recurso eletrônico] / organizado por Ministério da Educação – MEC; coordenado por Secretaria de Alfabetização-Sealf. – Brasília, DF: MEC/Sealf, 2020 – (Coleção Conta pra Mim). Disponível em: [http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-para-mim/livros/versao\\_digital/joao\\_e\\_maria\\_versao\\_digital.pdf](http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-para-mim/livros/versao_digital/joao_e_maria_versao_digital.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.

KAPITANIAK, Pierre. From Grindal to Whitgift. Etudes épistémè **Revue de littérature et de civilisation (XV-XVIII siècles)**, v. 29, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/episteme/1263>. Acesso em: 16 out. 2020.

KRAMER, Heinrich; Sprenger, Jacob. **O Martelo das Feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes; Rose Marie Muraro, Carlos Byington. 1ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

LEHMANN, Leonardo Henrique Marques; SOUZA, Silvano Denega. A caça às bruxas e a Inquisição Católica: Aspectos Históricos e Processuais. **Atuação**, v. 8, n. 18, 2011. p. 37-57.

LEVACK, Brian P. **A caça às bruxas: na Europa no limiar da Idade Moderna**. Tradução Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LITTLEWOOD, Roland. Strange, incredible and impossible things: The early anthropology of Reginald Scot. **Transcultural psychiatry**, v. 46, n. 2, 2009. p. 348-364.

MÉNDEZ, Agustín. Las Brujas imposibles: la teología de Reginald Scot. Escepticismo radical y distanciamiento de la divinidad. **Revista electrónica de Historia Moderna**, v. 7, n. 24, 2012.

MÉNDEZ, Augustin. Cruel sacrifices of popish preests. Teología y cuestión eucarística en The Discoverie of Witchcraft de Reginald Scot. **Sociedades pré-capitalistas**, v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.sociedadesprecapitalistas.fahce.unlp.edu.ar/article/view/SPv04n02a03>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MODESTIN, Georg. Le gentleman, la sorcière et le diable: Reginald Scot, um anthropologue social avant a lettre? **Médiévaux**, v.1, n. 44, 2003.

MUCHEMBLED, Robert. A noite do sabbat. In: **Uma história do diabo: séculos XII – XX**. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001. p. 49-90.

MULZA, Giovana Eloá Mantovani. PONTIFICADO E ELIZABETH I: DISPUTA ESTATAL-IDEOLÓGICA NO QUINHENTOS. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 3, n. 5, 2018. p. 308-322. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9083>. Acesso em: 04 de maio de 2022.

O MÁGICO de Oz. Direção: Victor Fleming. Estados Unidos: Loews, 1939, (101 min.), son., color.

OSGA, Thais S. **O MALLEUS MALEFICARUM DURANTE OS SÉCULOS: Um estudo acerca dos registros de suas edições em catálogos online (1486-2015)**. Revista Ateliê de História, Ponta Grossa. No prelo.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995. Disponível em: [https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3770](https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770). Acesso em: 21 ago. 2021

PINTO, Felipe Martins. A Inquisição e o Sistema Inquisitório. **Rev. Faculdade Direito Universidade Federal Minas Gerais**, n. 56, 2010. p. 189-206. Disponível em: <https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/116/108>. Acesso em: 21 nov. 2021

RAMOS NETO, João Oliveira. Henrique VIII e a Reforma Anglicana. **Revista Tempo de Conquista: História Medieval e Moderna**, Rio de Janeiro, v. 8, 2010. Disponível em: <http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC8/joaoramosneto.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RUST, Leandro Duarte. Bulas Inquisitoriais: Ad Abolendam (1184) e Vergentis in Senium (1199). **Revista de História**, n. 166, p. 129-162, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i166p129-162>. Acesso em: 19 dez. 2021.

SCOT, Reginald. **The Discoverie of the Witchcraft**. 1ª reimpressão. Londres: E. Stock, 1886. Disponível em: [https://hdl.handle.net/2027/uiuc.389615\\_001](https://hdl.handle.net/2027/uiuc.389615_001). Acesso em: 12 out. 2020.

SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa moderna**. Editora Ática. São Paulo, 1987.

TAGUETTE. Disponível em: [www.taguette.org](http://www.taguette.org). Acesso em: 19 abr. 2021.

THOMAS, Keith. Bruxaria. In: **Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII**. Tradução capítulos 1 a 8 Denise Bottmann, capítulos 9 a 22 Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 460-471.

VARGAS, Maria Ester. Isabel II e a Bula Regnans in Excelsis, do Papa Pio V. **Millenium**, n. 27, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/>

10400.19/608/1/Isabel%20II%20e%20a%20Bula%20Regnans%20in%20Excelsis%20c%20do%20Papa%20Pio%20V.pdf. Acesso em: 13 fev. 2022

WICH Witch(craft) is which?. Disponível em: <http://archives.blog.parliament.uk/2020/10/28/which-witchcraft-act-is#:~:text=The%20first%20was%20An%20Act,forfeiture%20of%20gods%20and%20chattels>. Acesso em: 03 abr. 2022.

WIKITIONARY. Disponível em: [http://en.wiktionary.org/wiki/wiktionary:main\\_page](http://en.wiktionary.org/wiki/wiktionary:main_page) Acesso em: 20 set. 2021.

YOURDICTIONARY. Disponível em: <http://www.yourdictionary.com>. Acesso em: 13 fev. 2021a.

YOURDICTIONARY. Disponível em: <http://www.yourdictionary.com/battell>. Acesso em: 13 fev. 2021b.



## APÊNDICE A – FRAGMENTO DE TABELA ELABORADA DURANTE A FASE DE ADAPTAÇÃO/TRADUÇÃO

Termo Original presente na Obra	Versão modernizada do termo
Discerne/Discerneth	Discern
Discolour	Discolour
Difcouerie/Discoverie/Difcovery/Discoovery	Discovery
Discountenanceth	Discountenances
Discours/ Difcourse	Discourse
Discourtesie/Discourtisie	Discourtesy
Discovereth	Discover
Difcovering	Discovering
Discretee	Discrete
Discreeter	Discreeter
Discusse	Discuss
Disdaine	Disdain
Difeafes	Diseases
Disers	Dieser
Dishonour	Dishonour
Disloiall	Disloyal
Dismaid/Dismaied	Dismayed
Dismasketh	Dismasks
Dismembred	Dismembred
Dispair	Dispair
Displaie	Display
Displaieng	Displaying
Displesure	Displeasure
Disposeth	Disposes
Disproofe	Disproof
Disprovee	Disprove
Disproved	Disproved
Disputeth	Disputes
Disquietness/Disquietnesse	Disquietness
Dissolutenes	Dissoluteness
Dissuadeth	Dissuades
disuasion	dissuasion
Distempereth	Distempers
Distinctiõ	Distinction
Distinctlie	Distinctly
Distinguisheth	Distinguishes
Distraine	Distrain
Distributeth	Distribute
Disturb'd	Disturbed
Disturbe	Disturb
Diuels/Divel/Divell/Divels/Divill	Devil(s)
Divelish(e)	Devilish
Diversitie	Diversity
Diverslie	Diversly
Divideth	Divides
Divinelie	Divinely
Divinitie	Divinity
Divorse	Divorce
Dizzards	Dizzard
Docilitie	Docility
Docke	Dock
Doe/Doee/Doest	Do

## APÊNDICE B – RELAÇÃO DO CONTEÚDO DA FONTE COM OS QUATORZE SUBSISTEMAS

Livro	Conteúdo resumido	Sistemas presentes nos conteúdos
1	- Apresentação da bruxaria e da bruxa aos leitores.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S9. Extra-agri-ind-art, S10. Religioso, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência
2	- Trata das acusações, testemunhas, provas e suposições sobre bruxaria.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S9. Extra-agri-ind-art, S10. Religioso, S11. Segurança, S13. Jurídico, S14. Precedência
3	- Aborda crenças disseminadas como o pacto diabólico, os <i>sabás</i> , unguentos, assim como a defesa de Scot da contribuição da melancolia para as confissões de bruxaria, a punição divina em Jó e idolatria.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S9. Extra-agri-ind-art, S10. Religioso, S11. Segurança, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência
4	- Defende a impossibilidade da cópula de bruxas com demônios, assim como <i>incubus</i> sendo relacionados a doença <i>the mare (the night-mare disease, ou pesadelo)</i> .	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S5. Lazer, S7. Pedagógico, S10. Religioso, S13. Jurídico
5	- Questiona a transubstanciação de bruxas em animais, ou ainda, de humanos em animais ( <i>melancholia lupina</i> ), além de abordar questões idiomáticas desconsideradas nas narrativas sobre bruxaria.	S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S10. Religioso, S14. Precedência
6	- Estudo da palavra hebraica <i>Chasaph</i> , que foi traduzida para o inglês como “envenenamento” ou “feitiçaria”; - Mulheres mais aptas a usar envenenamento do que homens; - Arte do envenenamento <i>Veneficium</i> , descobertos e executados; - Envenenamento como homicídio culposo.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S10. Religioso, S13. Jurídico, S14. Precedência
7	- Estudo da palavra hebraica <i>Ob</i> , traduzida como <i>Pytho</i> ou <i>Pythonicus</i> , e também erroneamente como <i>magus</i> . Faz referência, à prática das pitonisas, as sacerdotisas de Apolo, eram responsáveis por proferir oráculos, de modo que sua fala soava como vindo do fundo de sua barriga ( <i>ventriloque</i> ) - Exemplo da prática: Bruxa de Endor, na passagem de Samuel e Saul; - Arte da transubstanciação.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S5. Lazer, S6. Viário, S7. Pedagógico, S10. Religioso, S11. Segurança, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência
8	- Uma exposição sobre a não interferência divina na Terra: o cessamento dos milagres; - Profecia como dom de Deus, era necessário para anunciar o Messias.	S2. Sanitário, S6. Viário, S8. Patrimonial, S10. Religioso, S14. Precedência
9	- Diferenciação de <i>Ob</i> e <i>Kasam</i> , que remete ao ato de profetizar ou predizer.	S2. Sanitário, S4. Lealdade, S6. Viário, S8. Patrimonial, S10. Religioso, S14. Precedência
10	- Aspectos sobre sonhos e suas interpretações;	S2. Sanitário, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S9. Extra-

	Associação dos sonhos considerados mágicos ou diabólicos são considerados melancólicos, ao passo que o casual é derivado do humor pesado e negro da melancolia.	agri-ind-art, S10. Religioso, S14. Precedência
11	- Estudo da palavra <i>Nahas</i> , que se refere a arte do augúrio, através das vísceras/entranhas dos animais; - Comparação dos sacrifícios de animais, com o sacrifício na Eucaristia, dos católicos. - Pitágoras e a adivinhação por números; - Arte cabalística.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S3. Manutenção, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S10. Religioso, S11. Segurança, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência
12	- Estudo da palavra <i>Habar</i> , que nomeia as práticas de encantamento. - Simpatias - Encantamentos de animais (cobras).	S2. Sanitário, S3. Manutenção, S6. Viário, S9. Extra-agri-ind-art, S10. Religioso, S13. Jurídico, S14. Precedência
13	- Estudo da palavra <i>Hartumin</i> , que traduz conectores. Questão dos magos e da magia natural; Poder das gemas; Expõe os truques de prestidigitação.	S2. Sanitário, S5. Lazer, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S10. Religioso, S12. Político-Administrativo, S14. Precedência
14	- Aborda sobre a arte ou ofício da Alquimia Exemplos da utilização dessa arte para enganar pessoas, fazendo-as acreditar na multiplicação de seus bens.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S4. Lealdade, S5. Lazer, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S10. Religioso, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência
15	- Estudo da palavra <i>Lidoni</i> (conjuração), derivada de <i>iada</i> , que foi traduzida como <i>divinus</i> , que seria um adivinho, o encarregado de predizer coisas que estão por vir → profecias. - Sempre está junto de <i>Ob</i> , nas escrituras.	S1. Parentesco, S2. Sanitário, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S10. Religioso, S11. Segurança, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência
16	- “A feitiçaria é na verdade uma arte enganadora, na qual o nome de Deus é abusado, profanado e blasfemado, e seu poder atribuído a uma criatura vil. Na opinião das pessoas vulgares, é uma obra sobrenatural, arquitetada entre uma velha corporal e um demônio espiritual.” (SCOT, 1886)	S1. Parentesco, S4. Lealdade, S6. Viário, S7. Pedagógico, S8. Patrimonial, S9. Extra-agri-ind-art, S10. Religioso, S12. Político-Administrativo, S13. Jurídico, S14. Precedência